CINEARTE

ANNA MAY WONG

ANNO VI N.
RIO DE JANEIRO, 23 DE DEZEM
Preço para todo o Bra

Peggy Shannon
CINEARTE

DOROTHY GRANGER

CASO é que ainda existe alguma cousa a respigar da iniciativa de irem á presença do Chefe do Governo Provisorio representantes do commercio cinematographico reclamar reducções nos impostos aduaneiros para evitar que se fechassem os 2.000 Cinemas existentes no Brasil.

O teôr das reclamações demonstra que só uma face da crise cinematographica foi encarada, aquella que interessa exclusivamente aos importadores de Films.

As outras ficaram na penumbra, como se dependentes daquella.

Entretanto, não é isso o que na realidade acontece.

O imposto aduaneiro, agora com a baixa do cambio, encarece o Film na realidade. E' preciso, porém, convir que o fisco quando lançou suas taxas sobre o Film, foi por consideral-o objecto de luxo, destinado exclusivamente ao divertimento e nessas condições susceptivel de soffrer as taxas que todos os generos que não são de primeira necessidade supportam.

E por isso mesmo que considerou o Film objecto de luxo; destinado exclusivamente ao divertimento, nem ao menos exceptuou os que se destinavam ao ensino, á instrucção, á diffusão dos preceitos hygienicos, os Films scientificos. Tudo foi confundido na mesma classificação. Ainda o Film virgem que não se fabrica no paiz e que se destina aos ensaios e experiencias e mais ainda ás realizações da cinematographia nacional, esse mesmo ficou de tal sorte onerado que a sua importação representa o maior dos sacrificios.

Não é, porém, o imposto aduaneiro exclusivamente o causador da crise cinematographica. Essa crise não é só nossa. Os proprios cinemas dos Estados Unidos, o maior mercado productor e consumidor, a um tempo, do Universo, queixam-se amargamente da crise que os assola. E lá não ha taxas aduaneiras ás quaes importa a culpa de tudo.

Ao custo das locações de Film e á má qualidade destes é que em geral se attribuem as difficuldades por que passam os exhibidores.

Dahi se insurgirem contra o systema de locação á percentagem (25, 30 ou 35 por cento) que declaram francamente ruinoso.

O alto custo da locação obriga ao augmento do preço das entradas.

Esse augmento traz como resultado a desappariçâo do publico.

O exhibidor reclama contra o custo da locação. O importador contra o imposto aduaneiro.

O publico contra o preço das entradas.

E assim vão se passando os dias e a crise não faz senão agravar-se.

Isso nas capitaes, nas grandes cidades que dispõem de apparelhamento para o Film sonoro.

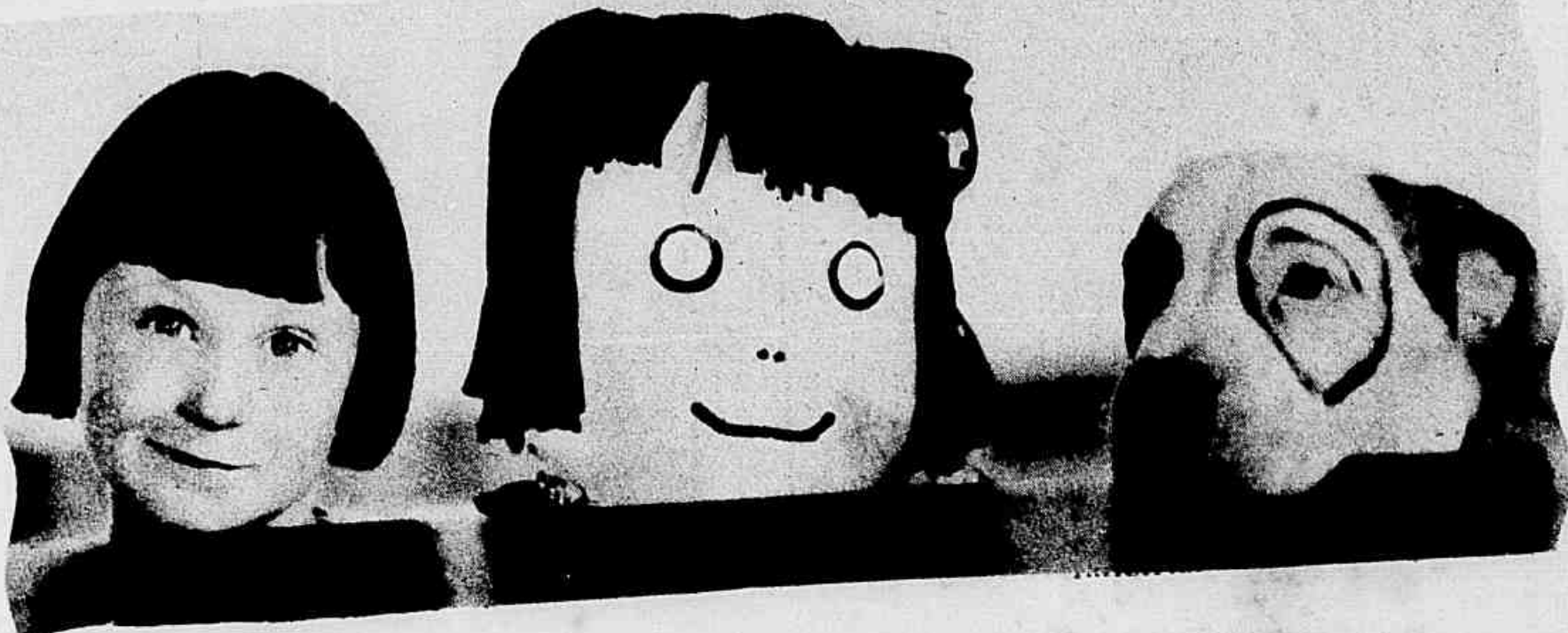
E que dizer agora dos pequenos centros de povoação, dos Cinemas do interior do paiz que estes nem ao menos programmas têm?

O Cinema de facto soffre uma grande crise.

Mas não hão de ser as providencias do governo em relação ás taxas aduaneiras que hão de resolvel-a.

O problema é bem mais complexo e merecedor de mais cuidadoso estudo.

STAN LAUREL

MARY ANN JACKSON E O CACHORRO PETE...

FIDELIDADE E FIRMEZA

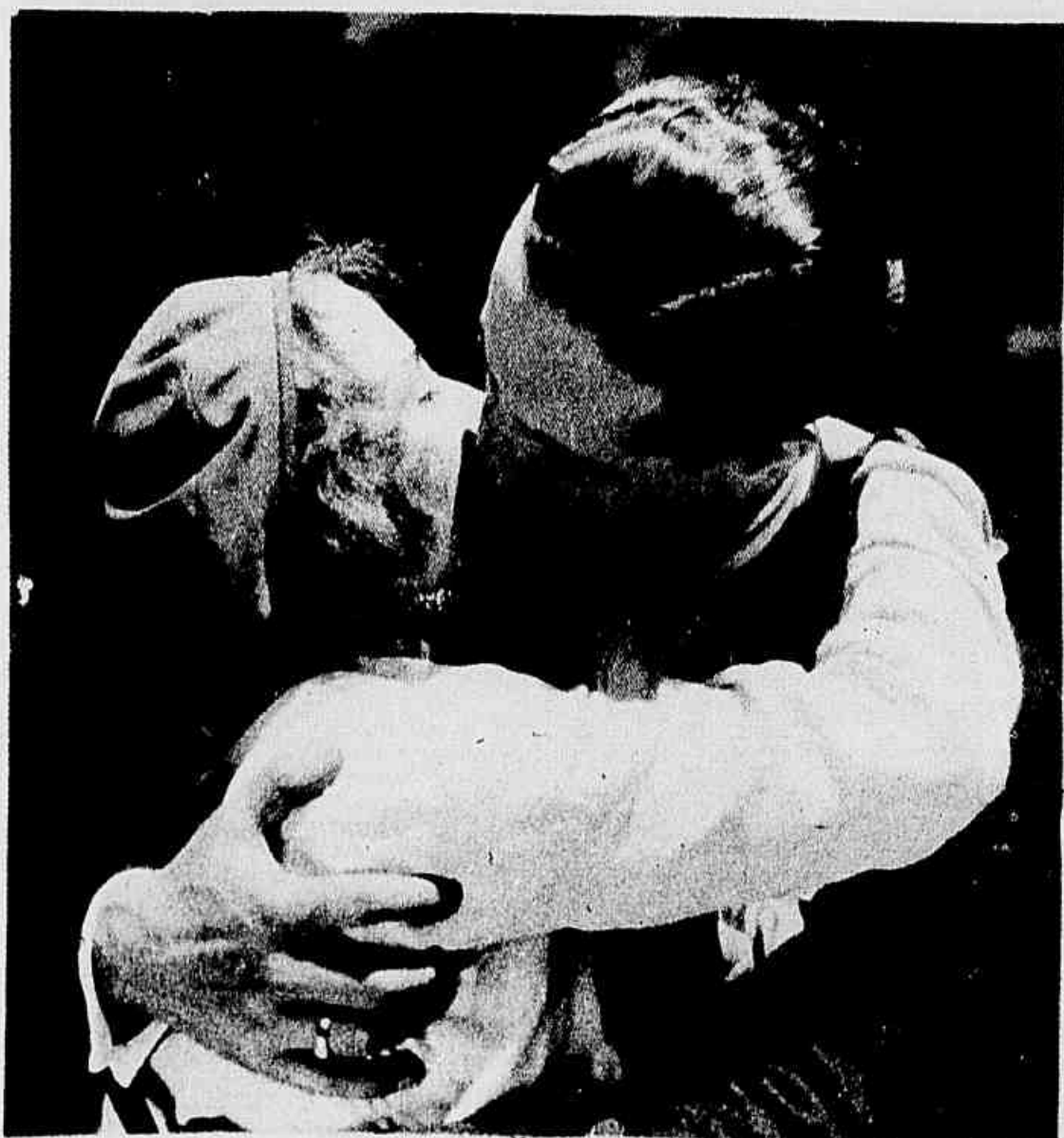
Assim como se pode confiar no cão, por sua fidelidade, assim se pode confiar nos corantes "Indanthren" por sua fixidez.

As toilettes mantêm por longo tempo a sua elegancia e a frescura do seu colorido, graças a **essas afamadas** anilinas que são de **insuperavel** resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Indanthren

Verifiquem nos tecidos que comprarem, a etiqueta de garantia de que foram tintos com corantes

Indanthren

Indanthren

CARMEN SANTOS NO "LABORATORIO", IMPROVISADO EM MARAMBAIA.

LILLIAN RUBENS E RONALDO DE ALENCAR EM "SACRIFICIO SUPREMO".

CORITA CUNHA

Scena de "Alma do Brasil" da Fam-Film de Campo Grande. Motto Grosso.

O Sr. Judall, da Metro Goldwyn do Brasil no Studio da Cinédia com Adhemar Gonzaga.

Na noite da première de "Mulher" no Eden de Nictheroy. O Film tambem foi exhibido no mesmo dia no Royal. Os artistas do Film estiveram presentes.

CINEMA BRASILEIRO

Natal na Cidade da Cinédia...

Lu Marival

As "estrellas" de "Ganga Bruta"

Déa Selva

Lu e Déa as maravilhas louras da Cinédia...

Que calor, no dia em que tiraram esta photographia de Gwen Lee!

Ruth Roland, a perola do fundo do mar...

A

do

Parei, bruscamente e esfreguei os olhos para ver se não estava sonhando. Tornei a olhar. Não era sonho, não: — um homem, deante de mim, **nadava no ar**...

Dava braçadas elegantes e passava por entre vegetações submarinas com enorme desembaraço. A sua figura bronzeada e athletica continuava na gymnastica. Meu companheiro, do departamento de publicidade, falou-me:

— Faça de conta que não viu nada, ou, caso contrario, não será aqui jamais admittido...

Estavamos no **lot** da Fox e aquillo, deante dos meus olhos, representava um fundo de mar no seu trecho mais pitoresco...

Tendo seis para sete annos de Studios e, confesso, esse momento foi o momento mais inesperado em qualquer um delles. O nadador era Pay Thompson, athleta e **stunt man**, aquelle que ficára em baixo dos **gelos eternos** e das aguas do rio Yukon, durante as Filmagens de **Ouro**. Para estas scenas que estavam sendo Filmadas, de **fundo de mar**, Ray sustinha-se por finissimos cabos de aço que o seguravam sem que o olho da **camera** tivesse sufficiente penetração para photographar esse detalhe subtil. Além disso os fios eram cuidadosamente pintados de preto, coincidindo com o fundo da montagem e, dessa forma, **camera** alguma poderia registal-os, realmente. Como as scenas tinham natação e, portanto, o ruido da agua era necessario para a **recordização** sonora, Filmava-se, para tambem dar a impressão de agua, atravez um longo e estreito aquario e as aguas, agitadas por barbatanas automaticas, davam o mesmo ruido que dariam, naquellas circumstancias, as braçadas do nadador. Ray continuou **nadando** por um pequeno espaço de tempo, depois fez uma **aterrissagem** ligeira e tornou a sahir em **braçadas** elegantissimas... Era um homem **nadando no ar**, não havia duvidas...

E essa scena fez successo? Certamente! Quando exhibido, o Film deu a exacta impressão de ter o nadador deante dos olhos, dando authenticas braçadas. As ondas atravez as quaes eram photographadas as scenas, davam a exacta impressão delles estarem **debaixo dagua**. Elle fazia um caçador de perolas e, para fazer um **fundo de mar optico**, aquillo havia sido mais do que sufficiente.

Observando a engenhosidade dos directores Cinematographicos e os methodos de artificios photographicos conhecidos dos operadores peritos, vê-se que, na verdade, nada é impossivel em Hollywood. Com alguns trabalhadores peritos e apenas um prazo de dois dias, um director e um quarto de milha do leito secco do rio Los Angeles e será ali mesmo reconstruido, em seguida, tanto o rio Nilo quanto a bahia de São Francisco com transatlanticos entrando e sahindo, etc... Elles já quizeram e já transportaram Chilcoot Pass e mesmo o Yukon para uma area sufficiente existente no **boulevard** Sunset... Passaram o deserto do Sahara para o Arizona. Reconstruiram trechos das selvas africanas no valle de São Fernando. Trouxeram o Polo Sul e o Circulo Antarctico para um ponto que fica a doze milhas de Hollywood. Transportaram as trincheiras todas de um **front** francez para Culver City e Filmaram Hawaii em varios pontos da costa do Pacifico, de San Diego e Tecahhepi Pass... Se elles conceberem Filmar o **Inferno de Dante**, aconselhamos, desde já, a Camara de Commercio de Los Angeles para **montagem...** E é logico que não vão esse sacrificio todo por um **made in California** debaixo do titulo...

Vi, em Culver City, Ben Hur ganhar a corrida de bigas do seu rival Messala no **stadium** Romano... Já vi gulosos de ouro caminharem em desespero pelo Yukon, no **Em Busca de Ouro,** de Carlito, onde todo aquelle gelo era sal grosso... Vi preparar-se a Arca de Noel para o diluvio no **lot** da Warner Bros. Vi os pioneiros avançarem, sequiosos, em busca das terras de Oklahoma, no **lot** da R. K. O., em Los Angeles. Vi a **Fragata Invicta** escrever a brilhante pagina da sua historia naval no... **Oceano Pacifico**... E vi, tambem, Jesse James assassinado a trahição... **Não** é para admirar que as creanças creiam em Papae Noel, portanto...

Um dos artificios de arte e perfeição mais admiraveis que já vi, sinceramente, foi o empregado para a Filmagem de **Dirigible**, que a Columbia já exhibiu. A historia relata feitos sobre a conquista do Polo Sul e narra episodios interessantes passados em pleno Polo, onde não ha sol e onde só ha gelo. A conquista é feita por um enorme **zeppelin**. Tanta é real a impressão de frio e soffrimento que o Film dá, que Ralph Graves e Jack Holt, os heroes, têm de prompto a sympathia do publico. Foi isso que se notou durante todo o tempo da sua projecção. Nelles as audiencias sentiam os rigores climatericos do Polo Antarctico. Hoje, depois de já ter colhido os resultados, Frank Capra, o director, ri, satisfeito. **Dirigible** foi Filmado com a coopearaço do serviço aereo dos Estados Unidos e o grande **zeppelin LOS ANGELES**, de, mais ou menos, 750 pés de comprimento, foi empregado. Os principaes **shots** foram tirados em Lakehurst. N. J., no aeraporto lá edificado. Os aviadores mais peritos foram **extras** e a propria officialidade prestou-se a figurar. Operadores em aeroplanos tiraram **shots** do **Los Angeles** em vôo sobre New York e, suppostamente, davam a sua sahida como sendo para o Polo Antarctico. Ahi terminava todo trabalho do grande **extra LOS ANGELES**... O resto no Studio!

com a cooperação do serviço aereo dos Espectaculosas de neve foram Filmadas. Arcadia é uma cidade pequenina com, approximadamente, 3,000 habitantes, se tanto. Fica bem na base da cadeia de montanhas da Sierra Madre, a doze ou treze milhas ao nordeste de Los Angeles. Foi lá que o velho E. J. "Lucky" Baldwin construiu um prado de corridas e construiu as bases de Arcadia, querendo significar, com o nome, exactamente o que o nome significa. Elle morreu em 1909 e Anita Baldwin, sua filha, dôou a propriedade ao Governo para ali fazerem uma escola para aspirantes a dirigiveis.

Foi nesse valle cheio de larangeiras e flores, que o director Frank Capra construiu o seu Polo Sul... Ali mesmo que elle montou uma secção do circulo Antarctico... Sob um sol de racher fez elle uma tempestade de neve...

A unica cousa é que não havia nem gelo e nem neve e, naquelle valle, a historia jamais constatára uma tempestade de neve. Utilizou-se, então, dois milhões e quinhentas mil libras de giz em pó para fingir neve e, o mesmo reforçado por um mineral qualquer que o endureceu e lhe deu a impressão exacta de neve. Aquillo tudo, além disso, com auxillio de **papiermache**, foi tomando outros ares e, em pouco tempo, era gelo e neve por todos os cantos e **icebergs** immensos por todos os lados... E por ali, em pouco, começaram a deslizar trenós puchados a cães e os homens começaram a andar em sapatos de neve para poder andar... O halo do extremo branco quasi cegava.

Tudo isto prompto, Ralph Graves, Hobart Broworth, Roscoe Kearns, Harold Goodwin e Clarence Muse, dentro de enormes casacões de frio, auxilliados por esquimáus authenticos mandados vir para aquelle fim, começaram a trabalhar, apparentemente tiritanto de frio e, realmente suando como animaes sob aquelles abafadores insuportaveis. Atraz da **camera**, Jack Holt, que tem o principal papel do Film e apenas entrava em outras sequencias, calmamente sentado na sua cadeirinha, usava calças de flanella e tinha a camisa aberta ao peito... Varios elementos sustinham guardas-sol, por ali...

Em dado momento Jack gritou a Ralph:

— Que tal, Buddy? Gostas do friozinho?...

— Terrivel! Derrete-se...

Começaram a funccionar machinas de fazer vento. Ou antes, poderosas helices de aviões especiaes para esse fim. Flocos de massa eram atirados deante dos mesmos e, isso, dava a exactissima impressão de furacão. A idéa que se tinha, exacta, era que ali dava-se, realmente, uma tremendissima tempestade de neve.

— Mais massa!

Gritou o director Frank Capra.

— Hey!

Gritou Ralph Graves depois de certo tempo:

— Quanto tempo vae durar esse **furacão?**... Eu já estou todo empastado...

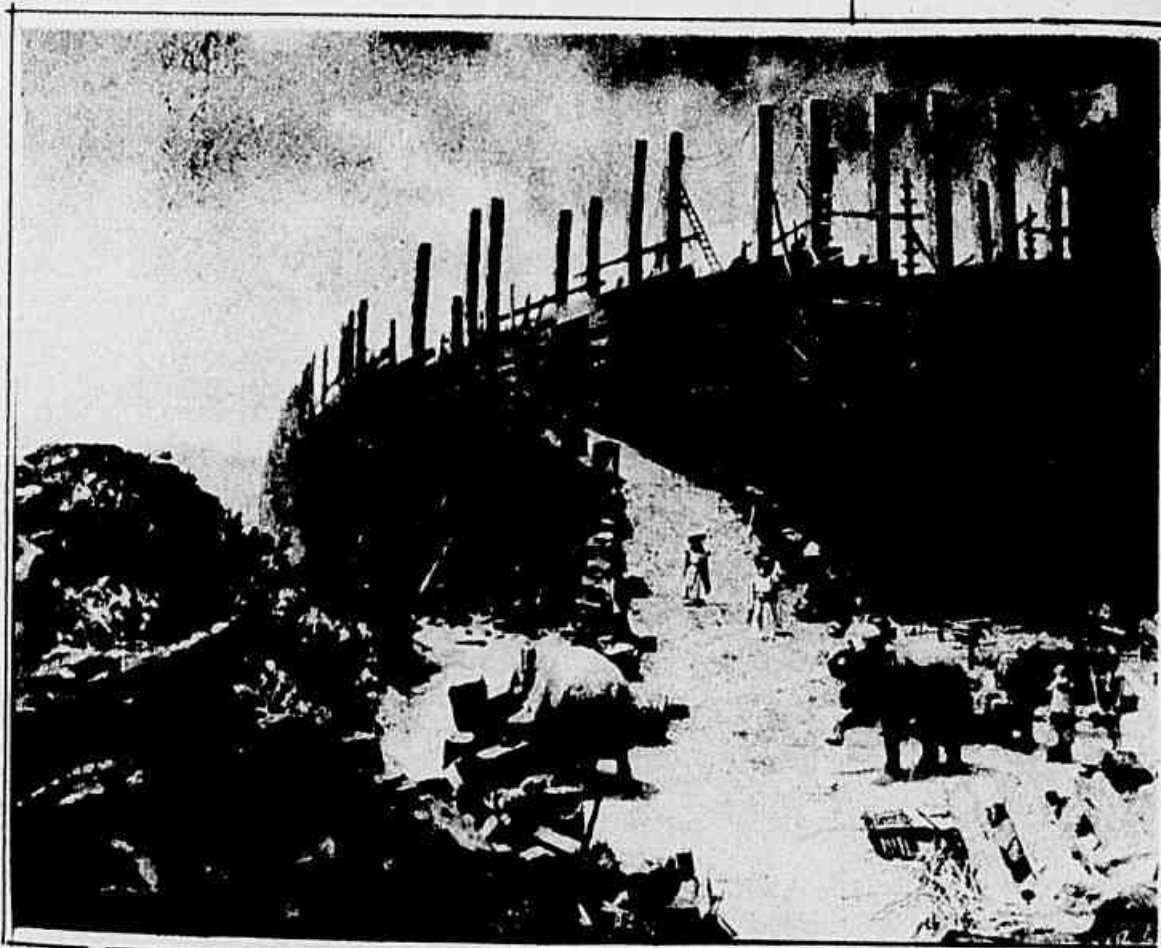
Momentos depois elle estava no outro lado do **set** e pondo, na bocca, qualquer cousa que eu não sabia o que era e não percebi quando elle poz. Perguntei-lhe do que se tratava.

— E' para me dar a impressão de falar no Polo Antarctico...

— Como?...

— Sim! Sempre sahindo, no bafo, uma fumaçinha...

Comprehendi. Era um vapor que elle aspirava e depois expirava durante os dialogos. Seria a melhor impressão para aquillo.

Era uma pequenina porção de gaz congelado que elles punham na bocca e, quando falavam, sahia com os movimentos labiaes e dava a exacta impressão. Hobart Bosworth perdeu dois dentes por causa desse gaz, mais gelado do do que gelo, talvez.

Uma scena da "Arca de Noé."

O dirigivel anchorado ao lado de um pequeno lago proximo ao Studio da First National, fôra construido especialmente nos moldes do **Los Angeles** e tem apenas 30 pés de comprimento, quando o original tem 750, como já dissemos... Tambem **ambientaram** os lados do lago á moda Polo Antarctico e, com isso, photographaram a "miniatura" que deu a impressão exacta que elles quizeram. Ninguem é capaz de affirmar que não é authentico.

A Columbia e Frank Capra não fazem questão de estar contando eu isto aqui. Principalmente porque elles comprehendem que ninguem iria imaginar que se fossem fazer as scenas no Polo Antarctico, realmente... Mas a impressão é exacta e agrada. E' esse o grande **make believe** com o qual joga tão bem o Cinema.

Anjos do Inferno foi feito todo em Los Angeles ou proximo de Los Angeles. Não é possivel que os **fans** tambem quizessem que fossem tiradas aquellas scenas em locaes **authenticos**... O essencial é que a impressão seja real. Quando ella **é**, nada mais temos sinão concordar que os processos de fazer Cinema, dia a dia tornam-se mais e mais interessantes, mais e mais perfeitos e respeitaveis.

Katherine Maylan.

CINEMA

Von Sternberg

(Continuação do numero anterior).

com effeitos de sombras, aliás os effeitos nos quaes se especializou, mostrar apenas a sombra de Stuart Holmes e emocionantemente, sem prejudicar o andamento da historia. E foi elle proprio, vestindo capa e chapéu, parecendo Stuart Holmes, que Filmado foi para sahir daquella situação cruel para elles que com tanto amor iam levando avante aquella obra de arte. Os **extras** do Film, foram todos gratuitos e offereceram-se espontoneamente, principalmente quando sabiam que era um esforço titanico aquelle que Von Sternberg e George K. Arthur estavam fazendo. Os outros, foram **extras** sem querer. Isto é: — foram Filmados por uma abertura feita num kiosque de uma antiga praça hespanhola de Los Angeles.

Para terminar esse Film, Von Sternberg, George K. Arthur e todos os seus amigos e auxiliares passaram momentos amargos. Depois, quando concluido foi, por intermedio de Nelly Bly Baker conseguiram que Carlito visse **The Salvation Hunters.** Carlito enthusiasmou-se immenso pelo mesmo e exhibiu-o, fazendo mesmo questão disso, a Douglas e Mary. Decidiu-se, immediatamente, que fosse o Film distribuido pela United Artists.

Georgia Hale, outro tanto, por meio desse Film conseguiu impressionar tanto a Carlito que este lhe deu o papel de sua heroina em **Em Busca de Ouro.** George K. Arthur ganhou um contracto com a M. G. M. e Josef Von Sternberg, por sua vez, tudo por causa do Film, um contracto para dirigir Mary Pickford num dos seus proximos trabalhos.

Depois de mezes, no emtanto, os genios de Von Strenberg e Mary Pickford viram que não se entenderiam para uma producção commum e, assim, Mary desobrigou-o incontinenti dos seus compromissos ali. A M. G. M. contractou-o, logo em seguida. Deu-se isso em 1925. Promptamente deram-lhe uma historia e elle fez **O Rapaz e a Cigana,** com

(Continua no proximo numero).

Clive Brook numa scena do Film "24 hours" com neve do studio.

A tela em revista

A TERNURA — (La Tendresse) — Pathé Nathan — Producção de 1930 — (Prog. De Leers).

O chronista que se dispõe a commentar um Film francez, tem, antes de mais nada, de enfrentar dois serios obstaculos: — ser o Film francez e, segundo, vindo, quasi sempre, de uma obra classica de consagrado autor francez e, portanto, de um francez puro, perfeito e forçosamente impeccavel. Deante disso, na maioria diz "amen", aquelle que zela pela sua commodidade, tambem diz. E assim vão passando esses trabalhos francezes sem que haja muita sinceridade a commental-os. Dá-se isso com as temporadas de theatro francez, geralmente "officiaes" e das quaes é quasi prohibido falar. Dá-se isso com figuras francezas importantes que nos visitam. Com tudo que traga rotulo francez. Com qualquer cousa que tenha um ligeirissimo odor pariziense.

Nós não somos contra a França e nem contra seus productos. Achamol-os todos muito curiosos. Alguns, mesmo, admiraveis: — Maurice Chevalier, por exemplo...

Bem por isso que ousamos desrespeitar Henri Bataille e a sua fama consagrada e, tambem, toda a belleza dos dialogos recitados por Jean Toulout e Marcelle Chantal durante o correr do Film *A Ternura*. Dissemos desrespeitar, porque so o facto de ser de Bataille o thema, já o torna visceralmente sagrado e dizer que não se gosta de uma cousa sagrada, é falta de respeito...

Feito este prefacio, entremos pelo commentario. Esse commentario tem que ser, antes de mais nada e forçosamente, um parallelo entre o Cinema americano e o Cinema francez.

Com *A Ternura*, de Bataille, John M. Stahl ou George Fitzmaurice, para a M.G.M., ou para a Universal, teriam feito, seguindo scenarios de Hans Kraly ou Bess Meredyth, Films que seriam concurrentes sérios á medalha annual do *Photoplay*. Porque teriam tirado o que de theatral houvesse no thema. Teriam posto só Cinema. Paul Barnac seria Adolphe Menjou ou Lewis Stone, com toda certeza e Marthe Delliéres, Norma Shearer ou Lily Damita, indifferentemente. A propria Ruth Chatterton, que fez o papel no palco, seria esplendida numa adaptação Cinematographica americana. Paul Barnac usaria ternos feitos nos alfaiates de Hollywood e Marthe Delliéres, quando chorasse, naquella scena da despedida, não ficaria com o nariz tão "humido" como ficou Marcelle Chantal. Depois, seriam Clyde De Vinna ou Oliver Marsh, os operadores e a photographia não sahiria como sahiu neste trabalho da Pathé-Nathan. E *A Ternura*, de Henri Bataille, agradaria em cheio. Daria mais renome ao autor. Daria mais fama á França. Elevaria mais o valor do thema. Por que?... Ora, é simples. Porque o Film seria photogenico.

Uma producção americana jamais apresentaria a casa de um representante da Academia franceza como a que Paul Barnac occupa, neste Film da Pathé-Nathan. O ambiente, em torno de Jean Toulout, não ajuda ninguem a crer que elle tivesse o valor que a historia faz suppôr que elle tenha. Ainda que um authentico Paul Barnac vivesse numa casa assim burgueza, um Film não a devia mostrar dessa forma. Cinema é illusão. Para ter a illusão de que Paul Barnac é rico, conceituado, intelligente, os ambientes, em torno delle, têm que ser photogenicos.

E' onde todo Film francez encalha: — na photogenia. Elles seriam desculpaveis em todos os defeitos Cinematographicos como superposições excessivas de imagens, narrativas photographicas inexpressivas apesar de bonitas e outros erros naturaes dos Films francezes. Mas essa falta de photogenia é que torna o Film francez mais aborrecido do que elle realmente é. Paris de *Sob os tectos de Paris*, não despertará em cidadão algum interesse por Paris. Qualquer Paris de Film americano, exaggerado ou mentiroso, é sempre mais agradavel e mais Cinematographico do que aquella Paris authentica, embora, que René Clair fez photographar...

Além disso tudo, quizeram photographar a "peça" de Bataille e não quizeram fazer Cinema. Acreditamos que estejam puros os dialogos todos da peça. E bem recitados, tambem acreditamos. Mas não é tudo. Daquelle thema realmente bello, poderia nascer um Film prodigiosamente fino, bonito, elegante e admiravel. Falhou. A delicadeza da historia morre nos *close ups* exaggerados de Jean Toulout (exaggerados na má maquillagem e no tamanho dos cabellos desgrenhados) e na choradeira insipida e irreal de Marcelle Chantal. Ninguem acceita *tendresse* alguma com tanta choradeira e tanta cara triste. A verdadeira ternura da historia morreu. Um *hokun* baratissimo substituiu-a com desvantagens. O *climax* do assumpto podia ser um momento emmocionante e lindo. O final poderia ser um prodigio de delicadeza e mesmo *tendresse*... Mas a Pathé-Nathan deu confecção européa ao Film e, com isso, liquidou toda a belleza Cinematographica que a historia de Bataille realmente tem. Ainda estamos imaginando Menjou e Norma Shearer numa historia assim...

Jackie Cooper...

Os momentos mais dramaticos provocam risos. Varias pessoas ao redor de nós riram-se. Houve alguem que nos disse: — "ah, mas os dialogos são lindos!". Podem ser, não resta duvida, mas dialogo não é Cinema e, como Cinema, *A Ternura* é um Film fraco. O francez já produz mais de cem Films annuaes. Conhecem photographia. Sabem cortar paysagem e arranjar bonitos angulos. Têm alguns directores de cerebro. Certos artistas recommendaveis. Mas não têm scenaristas. E um scenarista é a alma de um Film, quando tem, ainda, um director de verdade tomando o pulso da sua narrativa Cinematographica.

Jean Toulout é aquillo que os criticos theatraes chamam de "sobrio" e que, tratando-se de uma "peça" photographada, tambem podemos usar. Sobrio, sim, mas inimigo do barbeiro. Marcelle Chantal, nem sempre bonita, canta e representa regularmente. Não tem *it*. E sem *it*, o brilho de uma *estrella* precisa de muito *kaol* (no caso, publicidade e mais publicidade, cousa que os artistas francezes não conhecem e não têm).

O resto do elenco é todo fraco. O "J", ou antes, o rapaz Marthe Delliéres ama, é o typo do barbeirinho de suburbio. A direcção é anti-Cinematographica.

Ainda não vimos um Film francez que nos enthusiasmasse realmente. Mas temos fé que todo o talento do francez ainda se mostre num Film e elles merecem. Ahi, então, renderemos daqui mesmo o nosso sincero applauso que é incondiccional para qualquer Film que tenha realmente Cinema e realmente photogenia.

Cotação: — REGULAR.

CHANSE — (Chances) — Film da First National — Producção de 1931 — (Prog. First National).

Com *Chance*, a First National quiz repetir, para Douglas Fairbanks Jr., a proeza sua em *A Patrulha da Madrugada*. E' um Film de guerra, como foi o de Richard Barthelmess e Douglas tem mais do que todas as opportunidades: — é a primeira figura do assumpto de A. Hamilton Gibbs.

Do Film, apesar de assim calcado num primitivo successo do artista principal e, além disso, ser Film de linha, apenas, não se pode dizer que seja monotono, aborrecido ou máu. Bem ao contrario. A direcção de Alan Dwan e o scenario de Waldemar Young fazem do Film um espectaculo digno de ser visto. Nada que deslumbre e nem assumpto para palestras á porta do Cinema ou commentarios pela semana toda. Nem, tampouco, Film para fazer alguem afrontar uma noite de chuva para ir vel-o. De toda forma, um bom passa-tempo e um drama de situações bonitas e bem dirigidas.

O thema explora um assumpto mais ou menos conhecido: — dois irmãos que querem a mesma mulher e o sacrificio do mais moço pelo mais velho, apenas por saber que aquella mulher para elle era tudo. Depois a fatalidade o põe novamente deante da mulher que ama e elle esquece o irmão. O *climax* não é forte como poderia ser e a mudança de Anthony Bushell, quando está á morte, é muito brusca. Não coincide com o seu estado de alma de momentos antes.

O que o Film tem de impressionante, não causa tanta impressão, é certo, mas agrada. O movimento de guerra é conhecido. Mas está tudo bem feito e não houve economia, apesar de ser um simples Film de linha. A photographia auxilia muito o trabalho de Alan Dwan e ha bons momentos amorosos entre Douglas e Rose Hobart, principalmente o ultimo, isto é, aquelle que elles têm naquelle ultimo dia de licença delle. Douglas está bem, o Film todo. Rose Hobart não agrada á primeira vista, mas é differente e boa artista. Anthony Bushell bem, porque é inglez e está em ambientes inglezes. Mas é menos expressivo do que a gente desejava que elle fosse. Mary Forbes, Holmes E. Herbert, Mae Madison e outros, completam o elenco. O final é muito bonito. No scenario, Waldemar Young poz todos os seus recursos de bom comprehendedor do verdadeiro Cinema. Abusou um pouco daquellas ligações com fuzões de rodas. Mas assim mesmo deu andamento photogenico a todo scenario.

Cotação: — BOM.

ELLA,
SIM...
QUE
PRESENTE!

JOAN
MARSH

Ricardo Cortez fala de Greta Garbo

Ricardo Cortez foi o unico artista em Hollywood, que teve Greta Garbo como sua heroina...

— Pergunta se eu já trabalhei com Greta Garbo?...

E Ricardo Cortez olhou-me com um riso nos olhos e uma surpresa na physionomia.

— Naturalmente está brincando, não é? Mas se a pergunta é seria e as suas recordações Cinematographicas não são bem vivas, permitta que lhe diga uma cousa: — eu fui o primeiro galã de Greta Garbo! Isto é, primeiro galã seu aqui na America. Foi no Film *Laranjaes em Flôr*, não se lembra? E creia nisso: — eu tive pena della...

Elle pensou alguns instantes e depois voltou gostosamente ao assumpto.

— Menti, ha pouco, quando disse que tinha sido o seu primeiro galã, aqui. Na verdade, e todos sabem disso, ella é que foi minha heroina. Eu era o principal elemento do Film e Greta Garbo, como experiencia, foi posta como minha coadjuvante. Hoje, no emtanto, ella é tão grande, tão magistral que eu expontaneamente fui forçado a dizer que tinha sido seu galã... Mas a verdade deve ser dita e eil-a: — era um Film de Ricardo Cortez e Greta Garbo era sua heroina, apenas. Naquelle tempo, além disso, ella era envergonhadissima, simples, medrosa e infeliz...

Ricardo fez uma pausa para recordar. Depois, sempre com aquelle seu sorriso tão nosso conhecido, continuou: — Irei mais adiante. Eu cheguei a figurar num segundo papel ao seu lado e, dessa vez, já secundando-a. *Laranjaes em Flôr* tinha sido um successo tão formidavel para ella e para mim, que elevaram-na já no seguinte Film a *estrella* e resolveram juntar-nos novamente para um segundo successo. Mas emquanto faziamos esse segundo Film, lembro-me disso muito bem, ella ainda apparentava um receio tragico de alguma cousa que sempre temia e não contava o que fosse. Eu acho que o seu terror era constante e ella não falava muito para que alguem conseguisse saber o que era que tanto a affligia. Sufficientemente ironico, o titulo do segundo Film que faziamos, era *Amor*. Baseava-se no romance *Anna Karenina*, de Tolstoy. O Film era della e eu apenas tinha o papel de galã. Ella era Anna, a protagonista. Mas aquelle mal que eu notava estar affligindo muito o seu intimo, aggravou-se. Um dia, quando todos iam começar os trabalhos, teve ella uma syncope e tiraram-na desmaiada do palco onde estava montada a nossa scena. Desde ahi nunca mais puz meus olhos sobre ella. Apenas a tenho visto em Films e nunca mais cheguei a vel-a pessoalmente. Naquelle tempo, sendo os Films silenciosos como eram, ella não falava siquer uma palavra de inglez. Comigo ella falava allemão, que tambem falo. Mas falava sempre com acanhamento e parecia que todos aquelles ambientes, em volta della, eram cousas mysteriosas e amedrontadoras que a crucificavam. Nunca a vi sorrir sinão em scena. Uma criatura terrivelmente soturna! Quero justificar isso e, para fazel-o, vou contar uma pequena historia que se deu durante a Filmagem de *Laranjaes em Flor*.

Puz-me attento. Interessava-me sobremodo o que elle me ia contar e eu me puz, todo ouvidos, para gravar-lhe bem as palavras. Ricardo continuou:

Gloria

— Eu lhe conto. Ha varios annos que não a vejo. Como já lhe disse, mal de saude tiraram-na do *set* onde Filmavamos *Amor*. Depois o Film foi adiado e eu transferido para o elenco de *Nobreza*, um Film que tinha Lon Chaney como *astro*. *Amor* foi só mais tarde continuado e sob o titulo de *Anna Karenina*, com John Gilbert no papel que eu tivéra e com outro director. Dmitri Buchowetzki fôra dispensado e Edmundo Goulding preferira, por varios motivos, John a mim. Principalmente por John já ter feito, ao lado della, um successo formidavel como foi *A Carne e o Diabo*. Tambem foi depois de *Anna Karenina* que augmentaram as historias a respeito de ambos, essas historias que têm sido o delirio dos *fans*. A historia, além disso, chamava-se *Amor* e, elles, na verdade estavam apaixonadissimos um pelo outro. Eu presenteciei varios de-

taines e posso dizer que de facto se quizeram loucamente.

— Mas...

— Já sei. Está querendo ouvir o "tal" caso do qual lhe falei, não é? Eu lhe conto. Ella trabalhára, até então, como se fosse um coelhinho medroso. Ella era delicada, extremamente mulher, admiravelmente distincta. Durante os intervallos, quando não se refugiava no seu camarim que era portatil, sentava-se num canto que fosse o mais solitario possivel e, lá, pondo o queixo na mão, ficava, pensativa e triste, todo tempo que durasse o intervallo. Um aborrecimento intimo parecia devoral-a. Senti pena della e cada vez esta pena augmentou mais. A sua reserva, no emtanto prohibia qualquer approximação e, assim, nada lhe podia perguntar. Durante as scenas que fizemos juntos, ella se mostrou sempre alegre e satisfeita. Além das palavras que trocavamos, em allemão, a ninguem mais falava ella, no *set* todo. Mas o modo pelo qual ella se punha sempre pensativa, durante os intervallos de Filmagem, começou a me inquietar e senti real aprehensão por ella. Um dia eu me sentei, durante um descanço, ao lado de Dorothy Sebastian que figurava tambem no Film e lhe disse: "Dorothy, o que ha de mal com a nossa nova *estrella* suéca?". Dorothy abanou a cabeça e respondeu, sem falar, que não podia atinar com o que fosse. Mas nós sentiamos aquillo e nos aborreciamos, tambem, com a attitude triste daquella criatura. A apparencia toda de Greta Garbo, naquella epoca, principalmente, era de uma mulher desesperada capaz de commetter um desatino. Começamos a commental-a e, a um reparo que eu puz, Dorothy riu. Naquelle momento ella voltou-se para nós e nos viu rindo. Aborrecemo-nos com aquillo, porque, com certeza, agora é que ella iria pensar que nós estavamos fazendo troça do seu modo. Mas, ao contrario, ella riu. Um riso grande, franco e sincero que eu não via ha tempos. Nós estranhamos aquillo e rimos outra vez. Ella ergueu-se e caminhou para nós, sempre rindo. Quando nos reunimos, nada dissemos. O riso nos tomava a todos e era impossivel contel-o. Tivemos um ataque de riso que durou muito tempo. Quando cessou e quizemos explicar não mais a vimos. Tinha se recolhido ao camarim... E no dia seguinte voltou ella á sua mesma attitude de antes... Foi uma cousa exquisita, engraçada e tragica, ao mesmo tempo. Não falamos nada. Rimos. E depois do riso, no dia seguinte, voltamos a ser o que eramos, sem nada modificar a antiga attitude... Por que?... Até hoje não sei responder...

Gloria, Joan e outras

— Completamente opposto ao temperamento de Greta Garbo, está o de Gloria Swanson e Joan Crawford. Eu figurei ao lado de Gloria em *Um escandalo social* e com Joan Crawford figurei em *Mulher e... nada mais!*. Ellas são tremendamente ardentes. Sei disso, porque os meus papeis, em ambos esses Films, foram de villão. Ellas são criaturas vivas, arrebatadoras, e representam com uma franqueza admiravel. Ellas operam, nos companheiros de trabalho, reacções formidaveis e fazem a gente representar, quer queira, quer não queira. Eu, confesso, apaixonei-me por ambas durante essas Filmagens. Depois, passou, mas desejei-as como meu papel requeria e, isto, pelo modo sincero e humano pelo qual ellas representam e convencem, dentro dos papeis. Bebe Daniels é differente disso. Fui seu galã em *Controversias amorosas* e *O Falcão Maltez*. Ella é exhuberantemente alegre, antes de mais nada. E' enthusiasta e enthusiasma. E' deliciosa, simplesmente. Em tudo ella vê o lado alegre, agradavel. Por isso, é que foram grandes satisfações para mim ser seu galã. Eu sinto-me nervoso e exhausto. Preciso, mesmo, de gente alegre e viva como Bebe Daniels é, ao meu lado, para poder sentir a vida digna de ser vivida.

Joan!

E l l a !

— Mas isso é verdade?...

— O que? O meu melancholismo? A b s o l u t o! Eu sempre fui assim e, hoje, não sei pela vida que levei neste ultimo periodo ou por trabalho excessivo, mas o facto é que sou assim.

Quando lhe falei, depois, no caso da doença e morte de Alma Rubens, sua esposa, elle conservou-se serio e calado. Comprehendi que era um assumpto triste e aborrecido para elle. Calei.

Depois elle me falou da delicadeza e da educação de Florence Vidor, sua heroina em *O Capitão Sazarac*. Da tempestuosidade e da graça de Maria Corda, com a qual fez *A vida privada de Helena de Troya*. Da personalidade e do ardor de Barbara Stanwyck, com a qual fez *Illicit* e *Ten Cents a Dance*. De Helena Twelvetrees e sua delicadeza tão feminina, com a qual fez *Seu Homem* e *Bad Company*

— Desde 1918 que estou no Cinema. Tenho, delle, muitas recordações...

A vida de Ricardo Cortez tem sido realmente curiosa. Elle não é latino. O seu nome não é Ricardo Cortez. Nasceu chamando-se Jacob Krantz. E' natural da Alsacia. Passou a mocidade em New York e chegou a trabalhar no armazem de J. B. Clarke & C°. no numero 32 da Broadway. Sempre quiz ser artista e emquanto não o conseguiu, não socegou.

Um amigo seu, chamado Murdock, deu-lhe, um dia, um cartão de apresentação para Robert Ellis que, naquella epoca, dirigia e trabalhava em Films. Immediatamente elle foi posto no elenco de *The Fringe of Society*, um Film que tinha Ruth Roland e Milton Sills nos principaes papeis. No primeiro dia de Filmagem tinha uma luta com Milton Sills. Agarrou-se a elle e rolaram as escadas. Quando chegou em baixo, tinha um braço quebrado... Depois elle conheceu Johnny Walker, do qual se fez muito amigo (não o *whisky*. O Johnny Walker de *Honrarás tua Mãe*, lembram-se delle?) e elle o apresentou a E. H. Griffith, um outro director. Este deu-lhe, immediatamente, um papel num Film em dois actos, de um argumento de O. Henry, que elle estava fazendo, *Thimble, Thimble*, era o

(Termina no fim do numero).

Era uma vez... uma caixa de figurinhas que nos contavam historias tão bonitas...

Este conto não deve ser tomado ao pé da letra... Não foi escripto para pessoas de digestão difficil e nem, tampouco, para aquellas de senso humoristico retardado. Tem apenas a finalidade de tudo quanto se faz pelo Natal: — divertir... E' fantasia. Não tem, talvez, um só reflexo de verdade; Braunberger o chamaria bem de: — alegria canta! Gente seria, austera, não leia: — não temos, nas linhas que se seguem, fito algum de seriedade. E' alguma cousa que della se esquecerão, depois de ter lido; fez-vos passar alguns momentos agradaveis e divertidos, talvez...

* * *

— O que é que nos traras para o nosso pequenino Natal?

Corpos vestidos de luz e de azul transparente, tunicas harmoniosas, asas tatalantes, os anjos preferidos do Senhor, todos, em summa, perguntavam a Papae Noel, afflictos, o que elle lhes ia trazer da terra para o Natal que queriam festejar no Paraiso.

Deus, que acariciava a cabelleira loura de um raio, perguntou, tambem:

— Sim, é exacto: — o que é que lhes vaes trazer, Noel?

Houve um silencio, cortado depois, por uma phrase:

— Um carro de oito cylindros com rodas motrizes na frente!

Propoz o archanjo Miguel, como sempre, já se vê, um apaixonado dos **sports** violentos.

— Um dirigivel bem pansudo com lavatorio para todos os viajantes!

Disse Santa Radegonda. Elias, o ascencionista, tambem pediu:

— Um avião gigantesco!

Calaram-se todos, respeitosamente, no emtanto, quando começaram a ouvir a voz do Senhor que, acariciando a cabelleira loira do raio seu predilecto, achou tambem de pedir:

— Não. Nada de objectos assim communs! Quero outra cousa. A minha policia particular, da qual, até o momento, o canonisado Raymundo é o chefe, informa-me que uma revolução transformou todos os Cinemas do mundo e que esses templos profanos adoram, agora, um novo idolo, alguma cousa de formidavel que anda fazendo concurrencia um tanto desleal ás minhas Igrejas. Elles encontraram o meio de dar voz aos phantasmas que antigamente eram silenciosos e com isto andam embasbacando as massas deante dos innumeros trapos que estendem pelos palcos de todos os Cinemas do mundo!

— Sacrilegio!

Bradou Santa Thereza d'Avila.

— Apocalyptico!

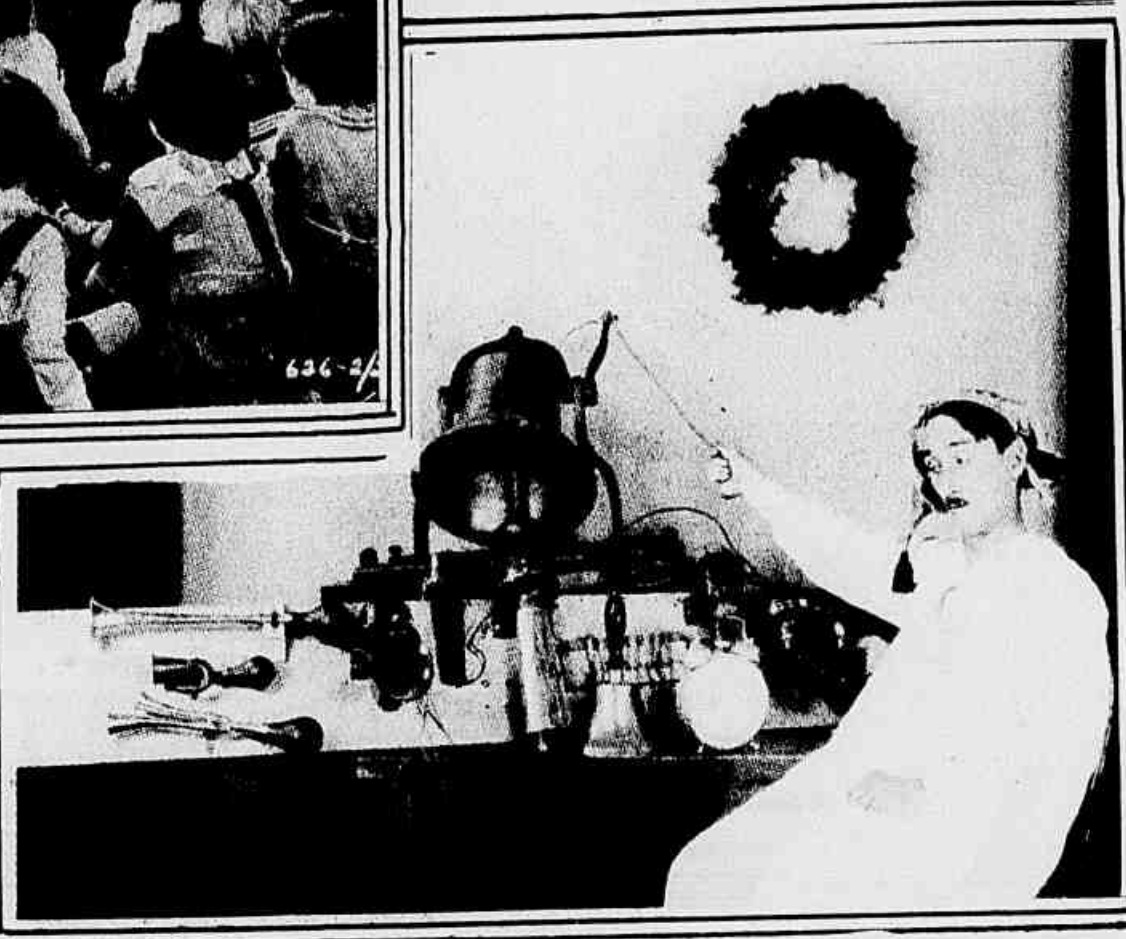
Sublinhou S. João Evangelista.

— Não ouso siquer crer, porque a turba é demasiadamente estupida para entender siquer a palavra...

Emendou Sta. Joanna D'Arc. Deus Pae censurou-a.

— Joanna! Nesse recesso Celestial não deves falar dessa fórma!

E proseguiu, depois:

— **Alea jacta est,** Noel! Eu quero um apparelho sonoro, aqui e do melhor! Isto me trará talvez uma economia: — poderei desmantelar as cohortes Celestes que cantam a minha gloria e fazendo-as descançar ou occupando-as em outras cousas, terei a reproducção mechanica dessas mesmas vozes, Podes ir, Noel! Mas não me esqueças nem o Film e nem os discos!

Clyde Cook e os presentes de Natal do Cinema falado..

Noel passou o sacco dos presentes sobre as costas, a guisa de uma arma e perfilou-se.

— Vossas ordens são bençãos para mim, Senhor.

E saudou. Depois saltou sobre uma nuvem que dois anjinhos já lhe traziam e, agarrando-a pelo "cabresto", ordenou-lhe que o conduzisse á Terra.

* * *

Cumprida está a missão toda de Papae Noel. Já visitou todas as chaminés. Esforçou-se, bondoso como é, para attender aos pedidos de cada um. Elle sabe, melhor do que ninguem, que o "absoluto" jamais existe, no mundo, que seria o Paraiso se desse bem gozasse... O da direita, ama sempre o que tem o seu vizinho do centro. E este, invariavelmente, volta-se em outra direcção cobiçando aquillo que o que móra em frente tem...

Papae Noel! Dae-me uma raquette! Eu quero tanto jogar **tennis**...

Pedido de uma garota moderna...

— Papae Noel! Dae-me um trem para a minha viagem de nupcias!

Pedido de uma noiva nada exigente...

— Papae Noel! Converta os apegados principios de economia de Abrahão & Levy! Faça-os comprehender que devem entregar-me aquella joia por preço menor...

Supplica de uma esposa que planeja assalto á carteira do marido...

Mas é o sufficiente! Papae Noel tem mais philosophia do que um **chauffeur** de taxi. Contenta a todos e ninguem delle se pode queixar, afinal de contas...

* * *

Eis chegado o momento de executar as ordens do Senhor. Vae Papae Noel ao Templo onde os vendedores têm todos os apparelhos e lá, philosopho e bem, irreconhecivel, põe-se a ouvir a concurrencia que discute qual o melhor. A linguagem não é a de um heroe de Homero, por certo, mas é assim mesmo a mais amavel possivel.

— Pede um apparelho sem defeitos e que daqui ha dez annos seja ainda novo? E' aqui, senhor! E' aqui!

— Vinde aqui, nobre Senhor! E' aqui que se vendem os melhores e mais perfeitos apparelhos para Cinema sonoro de todo mundo!

— Pede o apparelho de qualidades proverbiaes? Entre aqui, compre e garanto que será bem servido.

De todos os lados sahem phrases que se atiram, terriveis, aos ouvidos complacentes do Papae Noel.

Além disso, elle se expõe e elle diz quem é. O successo, o delirio, são ainda maiores. Equipar o Céo! Meu Deus, que mavilha! E depois, então, a reclame: — "O X., apparelho sem rival! A terra foi pequenina, para elle. Está equibando o proprio Céo! O Céo!" Que publicidade! Que cousa louca!

— Silencio! Parem, por favor, com essas ferragens insupportaveis, senhores! Deixem-no, ao menos por um momento, ouvir o celebre W.!

Era o vendedor dessa marca que gritava, impondo segundos de silencio. Mas acabára de dizer isso e o borborinho dos vendedores de todas as outras marcas alastrava-se, perturbador, por todo o ambiente.

— Mentira! O melhor é aqui, senhor!

— E' aqui!

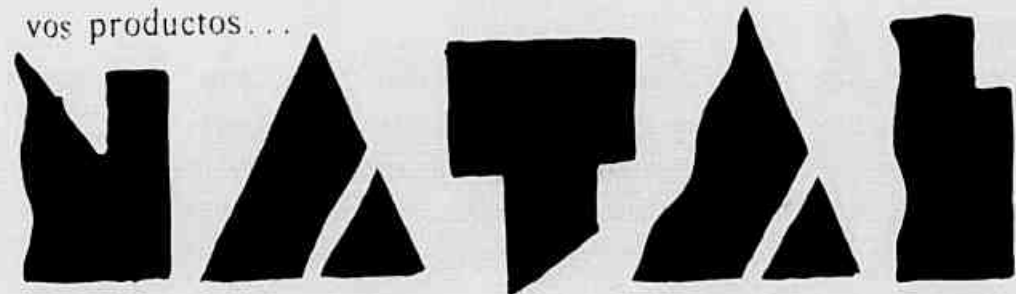
— Os directores attestam os meritos do apparelho que eu vendo, Senhor! E' aqui!

— Digam o que disserem: — o W. é o melhor!

— Camello!

— Não importa o que eu seja: — camello ou burro. O facto é que já installei 1.270 apparelhos em todo mundo...

Esta affirmação provocou um enorme tumulto. Papae Noel, para fazer a todos socegar, precisou falar ao microphone que uma Sociedade de Radio mandára logo ali installar...

— Seja a Paz comvosco. Meus bons amigos, é Noel quem vos fala. Permitti, sem interferencias, que eu decida por mim proprio aquelle que devo comprar. Eu visitarei todos os Stands como o Dr. Getulio Vargas na Feira de Amostras, prometto. Podereis, em cada um delles, falar-me dos seus respectivos productos...

E o malicioso velhinho, sorrindo, pensou ter encontrado, desse modo, o remedio infalivel para aquelle "ensurdecedor" mal... Elle ouviria, na reclame de cada um, o defeito do vizinho e, assim, colleccionando as opiniões sobre os defeitos, formaria a sua opinião pessoal sobre aquelle que deveria escolher para levar comsigo para o Paraiso. Era negociar, afinal de contas...

De tanto entrar em chaminés, Papae Noel tinha qualquer cousa do Judeu Errante... Fez-se um curto silencio de Film de outras eras e começou a revista pelos **stands** todos.

— Este é o "Pacent", meu senhor! Reconheceu-o, não é? Adopte-o!

— Não o faça, Santo! Range e fala mais fanhoso do que uma senhorita affectada...

— Este é o Melotone...

— Não vá nisso, Santo, é "tapeação"!

— Eis o Gaumont, meu Papae Noel bomzinho. O melhor! O Gaumont é de fama mundial.

— Não ouça, Santinho! Gaumont é "dróga"! Venha cá e lhe mostrarei o melhor, o Radio-Photophone! O Barão de Rotschild comprou destes e tambem os melhores Cinemas do mundo! E' Radio e a marca chega, Santo!

— Não creia, senhor. Radio! Que nome que inspira desconfiança!

— Aqui o Western! E' o melhor! Não faz ruidos e não é deturpador da voz!

— Não ouça a voz do máu conductor, meu Santo, ella o levará ao máu caminho...

Terminada a volta toda, Papae Noel comprehendeu que seria necessaria a sabedoria de Salomão para decidir aquella questão que a principio lhe parecia ingenua... A só invocação do nome de Salomão, no emtanto, deu-lhe a loquacidade inspirada de um Bonardi e Noel falou:

— Meus amigos, sinceramente, convenceste-me das virtudes dos vossos apparelhos. São, creio, a quintescencia... A inspiração divina, para este caso, incitam-me a proceder da seguinte maneira: — levarei os altos falantes da Gaumont; as valvulas da R. C. A.; os pratos para discos, da Nalpas: os amplificadores da Pacent e, da Western, o serviço de conservação que monta em...

— Um conto e duzentos mensaes, senhor...

— Isto está approvado e resolvido.

Era uma decisão de Santo e, por assim dizer, inquebravel... Concordaram os vendedores e, embora um tanto desillludidos com Noel, foram obedecendo ás determinações...

A montagem de todo apparelho ficou em perto de 400 contos a Papae Noel que, immediatamente, entregou um cheque descontavel no Paraiso e a descontar na Vida Eterna, banco onde todos vão bater, no final das contas... Depois, munidos de copiás de **Alvorada de Amor, Sem Novidade no Front, Papae Pernilongo** e outros, poz-se a caminho do Paraiso...

* * *

Deus esperava com certa impaciencia. O programma diario era sempre o mesmo e já o exasperava: — levantava-se ás nove, qualquer que fosse a estação do anno; seguia-se o primeiro **hosannah**; almoço frugal com sobremesa constante de ambrosia, nectar, hydromel, etc. Jogos diversos e passeio pelo Paraiso até ao meio dia. Segundo **hosannah.** Cousas variadas. **Hosannah** solemne com a pompa essencial á espiritualidade do ambiente. Almoço ao meio dia: — ambrosia e nectar, os mais subtis e alimentos Celestiaes variados. Até ás cinco horas, sesta e concerto, naturalmente para reforçar o somno... **Hosannah,** mais uma vez. Divertimentos varios. Jantar (com o mesmo **menu** do almoço, de traz para deante). Bailados adequados e alegria. Ultimo **hosannah.** Somno, até ao dia seguinte.

Este programma é permanente e invariavel. Compram as almas, com virtudes, as entradas no **guichet** do Paraiso, comtanto que não venham demasiadamente **négligée** á mesa, o que é absolutamente prohibido. E' essencial, ainda, trazer o **plastron** de branco impeccavel que as almas lavam geralmente no Purgatorio. Sem este, não entram.

Os **hosannahs** acima é que iriam ser substituidos pelos apparelhos sonoros que o Senhor esperava.

* * *

No momento em que o apparelho ficou prompto para funccionar, era chegada a hora do primeiro **hosannah.** Todas as almas

NO CEU...

ali se achavam, em magotes e com commentarios variados. As **ushers** celestiaes nada ficavam a dever ás pequenas do Capitolio ou do Imperio e nem á bilheteria seria e sisuda do Palacio Theatro...

Grave como um operador que trabalha pela primeira vez, Papae Noel, tremulo, manejava aquillo como percebera das instrucções recebidas.

Passou-se, em primeiro logar, por um descuido de Papae Noel, inexperiente e de vista cançada, não tendo lido bem o rotulo da lata do Film, **Maridos Conformados.**

— Ao Inferno! Ao Inferno! Ao Inferno com Mary Duncan, e esse pessoal todo!

Vociferou o auditorio, secco, severo, todo cheio de santos e mais bravio do que o oceano revoltado, num dia de resaca...

**— I love you
and you love me
but "cherie"
I can't understand**

E os versos **yankees** foram ferir as augustas trompas dos anos e dos "celestiaes" que ali se achavam. Bocejaram! Vaiaram, afinal! Mas uma vaia santa!...

Quando appareceu um episodio em que uma pequena era abandonada pelo rapaz, Maria, a Egypciana, murmurou, baixinho, talvez só para ella mesma: —

— A Terra não mudou...

Depois veio Chevalier e **Alvorada de Amor**...

No meio do Film, enguiçou o apparelho. Guinchos, rumores desconhecidos e, afinal, uma Celestial pateada poz termo a tudo. São Lucas, o telephonista do Paraiso, pediu soccorro á terra. Material para concertar o apparelho. Mas antes que viessem esses, o Senhor, perdendo a paciencia, esbravejou, pondo, afinal, termo aquella aventura de Natal que não o divertira mais do que os seus anjos...

— Horrivel! Ponham essa "dróga" para fóra daqui e já! Ora essa! Não quero mais essas bugigangas que nem siquer aguentam uma sessão sem concerto! Querem me "tapear", a mim, o Senhor de toda essa "bagunça"?... Não faltava mais nada! Para o diabo que o carregue! Entenderam? Para o diabo que o carregue! Pensam que eu sou Jupiter? "Tapearem-me"... Era o que faltava... "Baratino" commigo não adeanta, senhores lá de baixo! Eu aqui conheço a "escripta" melhor do que vocês e não pensem que passam o "conto"!

E depois de desbaratar o apparelho todo com Celestiaes ponta-pés, gritou aos anjos, que, tatalantes, por ali andavam esperando as Santas ordens: —

— Hosahanae-me!!! Hosahnae-me!!!

E sentou-se na nuvem mais macia e gorda que andava por ali, descançando do accesso.

* * *

Consta que com os ferros velhos cahidos das alturas, Ford fez mais um automovel...

* * *

Cecil B. De Mille, presentemente em excursão pela Europa e na Russia, no momento, disse, depois de ter estado em Paris, Berlim e Roma, mais ou menos, o seguinte a respeito dos Films e seus mercados. "Bons Films ainda são o melhor negocio do mundo. Mas **bons** Films." "E' preciso continuar na technica silenciosa com o dialogo apenas substituindo o letreiro. E' o unico que faz o Cinema ser mundialmente acatado." "O Film colorido serve apenas para certas scenas e um Film todo em côres é sempre mal recebido." "O Film de terceira dimensão só mesmo para sequencias de movimentos de massas." De Mille, depois que concluir a sua visita á Europa, voltará aos Estados Unidos e, então, tomará a sua deliberação sobre producção. Dizem, uns, que elle está com a Paramount e, outros, que vae produzir independentemente. Nada se sabe, no emtanto. Apenas o seu regresso falará.

Alan Hale devia ter sido o Papae Noel que nos trouxe o Cinema falado...

Engordou muito em Nevada. A secretaria a diffamou. Os seus amores... Nada disso, o culpado foi apenas o mychrophone...

* * *

Uma noticia má: — a Tiffany concluiu **Cinnamon,** uma comedia com os **amestrados** chimpanzés.

* * *

Gaylord Lloyd, irmão de Harold, tomando parte numa scena de Film de **gangsters,** o qual tinha uma explosão, soffreu accidente e teve uma das vistas inutilisadas. Ao que consta, Harold Lloyd tem se mostrado desoladissimo com esse facto.

* * *

William Haines é um camarada que crê em gatos pretos, numeros treze e sexta-feiras... O seu ultimo Film era para ser iniciado numa sexta-feira. Elle negou, negou e disse que começaria qualquer dia, menos sexta-feira. Marcou-se segunda-feira, nesse caso e como elle concordasse, tudo ficou marcado para segunda. Quando elle chegou ao **set** para começar a Filmagem, no emtanto, teve um grande aborrecimento: — era dia 13...

* * *

Flying High, da M. G. M., será um dos proximos grandes successos da mesma. Para o papel feminino principal, Kathryn Crawford inscreveu-se e, quando viram o seu **set,** responderam-lhes que se estivesse mais magra seria exactamente o typo escolhido. Ella pediu uma semana de praso e este foi concedido. Internou-se num hospital de belleza e, ao cabo do praso, veio com onze libras diminuidas no seu peso... e conseguiu o papel!

Os Amores de

Quando o primeiro **Film em que Clark** Gable tomou parte, fez successo e fez successo por causa delle, reporters procuraram-no e, desde então, não têm feito outra cousa sinão lhe perguntar o que pensa das mulheres, do amor, do casamento e do divorcio. A sua resposta tem sido sempre uma só, firme: — "não"! Um dia, no emtanto, elle capitularia. Não é possivel resistir ao reporter. Principalmente se a pessoa perseguida deseja um pouco de paz e de descanço... A vigilancia torna-se perseguição e, esta, acaba enervando de tal maneira a pessoa em procura, que, afinal, fala mais para se livrar do que para falar, mesmo...

Foi o que tambem aconteceu a Clark Gable e feliz fomos ao sermos os preferidos para as declarações que elle fez sobre esses themas que tanto interessam aos "fans": — mulheres, amor, casamento e divorcio...

E Clark Gable falou...

— Antes de mais nada, quero que fique bem comprehendida uma cousa pelos leitores do seu magazine: — eu sou casado duas vezes. **DUAS VEZES!** Escreva isso bem griphado. E' que varias noticias já me deram com tres casamentos nas costas e uma entrevista-apocrypha que publicaram, então, falou por mim e por mim contou que eu já tinha quatro casamentos por minha conta... Ha de convir que isso é extremamente desagradavel e sendo esta a primeira vez que authenticamente falo a qualquer magazine, desejo em primeiro logar frizar esse absurdo. Não tenho um filho, como tambem disse uma das falsas reportagens. Além disso, não teria razão alguma ponderavel para occultar a existencia desse filho, se o tivesse, tanto mais que elle seria o meu orgulho, se existisse. Ha pessoas que já foram realmente casadas meia duzia de vezes e, no emtanto, passaram por todos os matrimonios sem filhos. Eu tenho dois casamentos e nenhum filho. Mas sempre é tempo. Esperem os que tanto se interessam por um caso tão desinteressante...

Esse modo delle começar a falar, para mim, era a prova de que elle é homem do typo "cartas na mesa." E' nesse typo de homem que eu sempre fiz fé e acho que não ha ninguem, no mundo, que não goste de gente assim. Na sua attitude particular, isto é, fóra da tela, elle conserva a mesma sinceridade que tem sido o seu lado mais forte nas suas caracterisações Cinematographicas. Deante da mesa onde faziamos o "lunch", conversando commigo, tinha elle a mesma despreoccupação e o mesmo desprehendimento que tem deante de um michrophone ou uma **camera.** Pessoalmente, além disso, é uma esplendida criatura e um perfeito **gentleman.** Eu lhe pedi, confesso com certo acanhamento, que me falasse a respeito das mulheres que passaram deante delle, na vida. Com acanhamento, disse, porque o achei muito serio e distincto para lhe perguntar cousa assim infantil. Mas essa infantilidade talvez fosse curiosa, nelle, um homem-homem na extensão da palavra e, por isso, deixei que elle pensasse e depois me respondesse, falando e revivendo o passado deante dos seus olhos immersos em scisma.

— A primeira mulher que eu chamei de "você", na vida, fez de mim um outro homem. A sua idade era pouca: — tinha sete annos e a minha tambem: — oito. Ella era alta, morena, bonita e tinha os olhos cinzentos. Chamava-se Treela. Hoje é uma senhora bem casada e, assim, não lhe digo o segundo nome. O facto é que eu, naquella pouca idade, apaixonei-me por ella. Sim, porque no diccionario do coração, chama-se paixão a reacção que nos faz pensar todo instante numa determinada pessoa. Eu ia além: — sonhava tambem com ella e não tirava della o pensamento um só instante que fosse. Até então eu jamais havia dado importancia a meninas e achava-as todas muito aborrecidas e sem graça. Dois dias depois de a ter visto pela primeira vez, no emtanto, eu me encontrei, sem saber como, dentro de uma Igreja, ouvindo o sermão do padre e... olhando Treela. Olhando-a com ambos os olhos. Fixamente. Sem tirar della a minha attenção toda... Quando terminou a cerimonia, admirei-me de me achar dentro de uma Igreja. Eu costumava ir pescar aos domingos e foi por isso que admirado fiquei

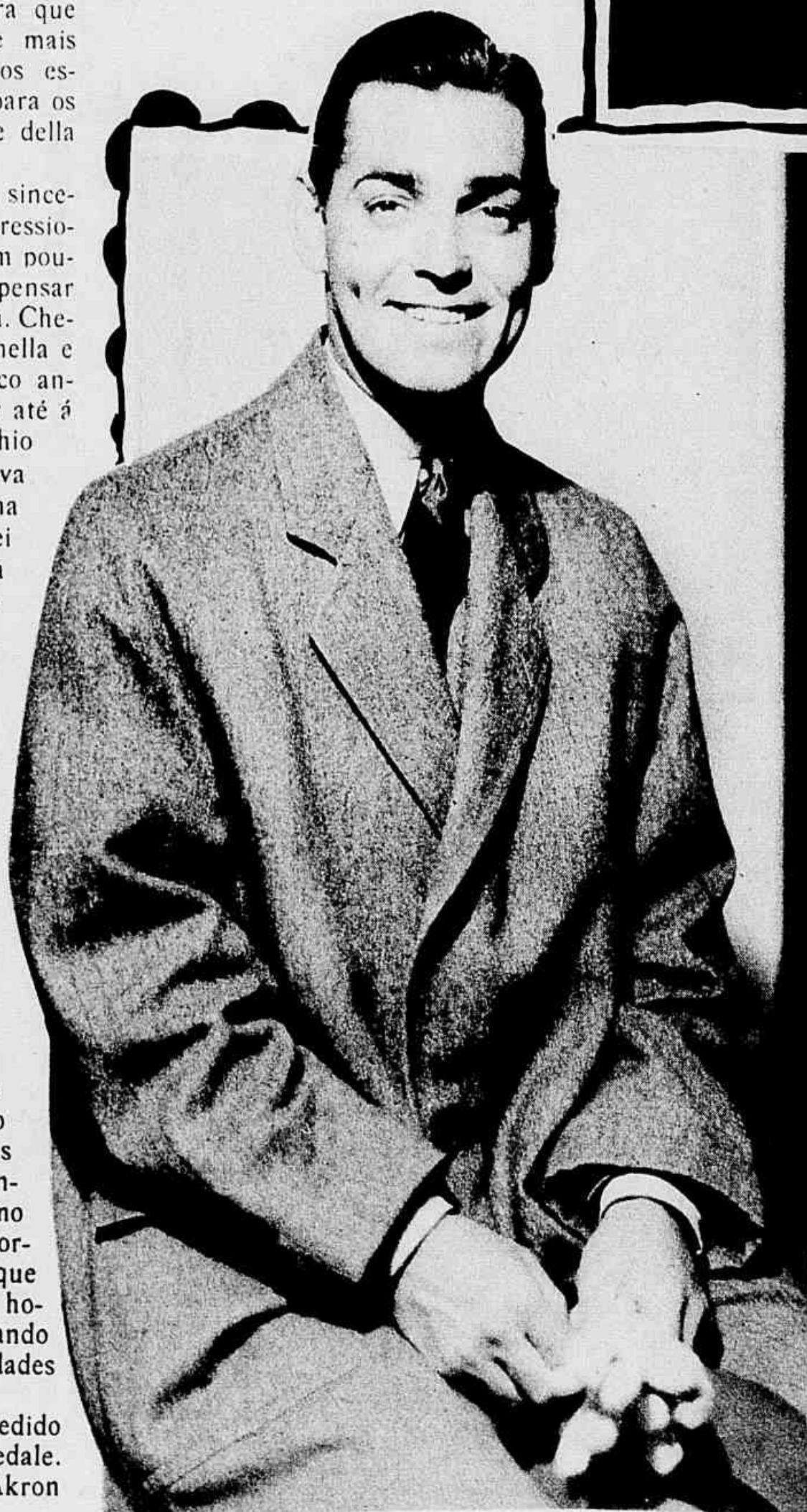
Clark Gable

quando me vi dentro de um templo. Havia, aos domingos, na Igreja, á tarde, aula de cathecismo. Sem querer eu fui. Ella tambem lá estava e a olhal-a eu passava o meu tempo, respondendo errado a tudo que me perguntavam e não ligando a menor attenção ao que me rodeava, a não ser Treela, da qual meus olhos jamais sahiam... Por isso tudo é que disse, acima, que ella foi a primeira mulher que fez de mim outro homem.

— Creia no que lhe digo: — o nosso amor foi maior do que um simples namoro de creanças. Juramos amor mutuo e eterno, num ar roubo de paixão infantil, mas quente. Não brincavamos com os outros meninos e meninas. Achavamos que aquillo "barateava demais o nosso amor"... Intimamente eu acho que aquillo, na verdade, foi mesmo mais serio do que um simples namoro de creanças que nada sabem e nada da vida comprehendem. Acho isso, porque foi uma affeição que durou cinco annos. Acho que esse tempo é sufficiente para collaborar com a affirmação que fiz. Até hoje, Treela, para mim, é a mulher do meu typo predilecto — talvez por ter sido a primeira que amei: — feminina, antes de mais nada; alta; cabellos castanhos escuros; talvez a mesma côr para os olhos. Eu até hoje lembro-me della com affeição e saudade.

— Para lhe mostrar, com sinceridade, o quanto ella me impressionou, eu lhe direi que até a bem pouco tempo eu não deixava de pensar nella ao menos uma vez por dia. Cheguei a pensar, tanto pensava nella e tanto lembrava os nossos cinco annos de amor, que seria bom ir até á nossa pequenina cidade de Ohio a ver se ella ainda se lembrava de mim. E fui. Lá, na pequenina cidade onde nasci, encontrei Treela. Não a mesma menina que eu tinha nas minhas recordações, vivas e quentes. Encontrei uma mulher. Uma mulher que estava casada a certo tempo e que me apresentou o marido e dois filhos, as creanças realmente mais bellas que já vi, na minha vida. A minha volta á cidade natal fez-me perder muito do passado... A mulher casada, mãe de dois filhos, substituiu a menina meiga das minhas recordações... As memorias da menina pertenciam-me, mas a mulher era de outro homem. Hoje eu me entristeço quando sinto que perdi aquellas recordações que me traziam tanta alegria ao coração. Ao mesmo tempo eu agradeço a essa recordação da infancia, recordação que me trouxe tanta felicidade em horas de amargor e solidão, quando eu tentava vencer as difficuldades da vida.

Não sei o que teria succedido aquelle meu romance de Hopedale. Mas meu pae mudou e para Akron e eu em sua companhia fui. Akron, pouco depois, tornava-se famosa, para mim, nos olhos azues, nos cabellos loiros e na belleza alta e forte de uma pequena que eu lá amei. Chamava-se Norma. Tinhamos quinze annos e já podiamos, portanto, sentir um amor mais intenso e menos infantil, um pelo outro. E' bem forte a recordação que eu guardo de Norma. Mas a forte recordação que della eu guardo cousa engraçada, não é do seu rosto e nem do seu corpo bem feito. E' da sua voz que eu me lembro! Não! Ella não era uma cantora, não... E jamais educara a sua voz, além disso. Mas eu me lembro, ainda hoje, de ficar sentado ao seu lado, ouvindo. Sentia quando precisava interrompel-a para lhe fazer uma pergunta qualquer. A sua voz era quente, morna, tinha malicia e tinha paixão. Ainda hoje eu acho que uma bonita voz é um dos attributos principaes para a mulher conquistar o homem. Para mim, ao menos, qualquer mulher torna-se automaticamente interessante desde que tenha uma voz bonita.

Depois de dois annos em Akron, atirei-me para a grandeza da Broadway. Jamais rua alguma me pareceu tão comprida, tão enorme... Uma rua que me dava vinte dollars por semana, quando conseguia emprego, por acaso e rua que me viu passando fome, varias vezes e sem siquer ter a quem me queixar...

Depois dessa minha aventura de amor com Norma, até meus vinte e cinco annos, fiquei na Broadway dos meus sonhos, procurando vencer no theatro e querendo ser artista. Durante esse periodo eu travei conhecimento com muitas mulheres. Muitas dellas falleceram com o passado. De algumas eu ainda me lembro...

Elsa... Uma pequena engraçadinha, de olhos azues e cabellos negros... Tinha uns cinco pés de altura e era bem feita como uma boneca de Dresden... Ella vivia numa cidade em Mississippi. Lembro-me della, com facilidade, porque foi uma das que se apressou em mostrar que era sincera para commigo. Foi a unica, de quantas eu conheci, que fez fé em mim como artista e achou que eu ainda venceria. Ella comprehendeu que nosso romance era um relampago e não sentiu e nem esbravejou quando o mesmo chegou ao fim. De varias maneiras ella provou que se interessava realmente pela minha felicidade. Eu comprehendi isso muito tarde e quando comprehendi, já não me era mais possivel fazel-a minha companheira ou talvez mesmo minha esposa.

Alice... Outra pequena da qual me lembro. Era do sul e tinha, na voz, um accento que me chamou logo a attenção. O seu maneirismo tambem era adoravel e tinha um narizinho e um sorriso que quebravam qualquer resistencia... Parecia muito feliz e jamais vi alguem que desse tanta impressão de felicidade num simples sorriso... Dansamos uma valsa, juntos, da qual jamais me esqueci... Era num pavilhão de dansa junto a um lago. A orchestra que tocava era só de negros. As luzes haviam sido amornadas para a valsa ter mais effeito. E eu jamais me esqueci do beijo que trocamos, grande, immenso, violento e... do sorriso della e do narizinho della, tão interessantes...

Sim, existem muitas outras. Algumas que eu logo esqueci e outras que eu tentei esquecer. Mas tentei esquecer, é forçoso que diga, com a mesma difficuldade com a qual quero me lembrar de outras... Algumas, foram apenas amisades. Outras, mesmo romantes, tantes, comecei a conhecer e a tornar-me camarada de mulheres

(Termina no fim do numero).

O dia de Natal

MARY KERNMAN FINGINDO QUE
AINDA ACREDITA EM
PAPAE NOEL...

Typo do titulo Cinematographico. Este que aqui está nos foi enviado por um Amador.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Scenarios, Titulagem e Edição

No começo do seu trabalho, o Amador de Cinematographia deve ser prudente, para empregar scenarios já preparados, como os que anteriormente foram publicados para esse mesmo film, e nesta mesma secção.

Esses scenarios foram mantidos, em principio, com aquella simplicidade e poucas exigencias, para que o Amador principiante os pudesse arranjar. Assim mesmo, porém, elles não são enredos de creanças, e o Amador que consegue Filmar alguns delles com bastante successo, terá progredido um bom pedaço na via do Cinema para Amadores.

Passada esta primeira etapa, o Amador ha de querer, provavelmente, fazer não sómente os seus proprios Films e dramas, mas tambem os scenarios ou continuidades.

Não entra no plano dos nossos artigos a discussão da construcção dos scenarios. E isso porque uma tal construcção não passa de uma fórmula dramatica usada anteriormente, e a fórmula dramatica não passa por sua vez, de um enredo contado em fórma litteraria. Em consequencia pois, o scenarista deve conhecer alguma coisa de ambos — litteratura e drama — incluindo-se, ainda por cima, alguma coisa da technica especial Cinematographica. E finalmente, o ou a scenarista deve ter "mão" para a litteratura e para a composição.

Consideradas as reservas acima, desfaz-se esse grande, impenetravel mysterio, ao redor da construcção de uma continuidade, e o Amador certamente poderia experimentar a sua propria sorte, em qualquer circumstancia.

Só existe um ponto, o qual precisa ser exposto aqui, a respeito de um scenario. Elle deve contar uma historia coherente, mas apreciavel, atravez de uma sequencia de scenas **separadas** porém **unidas.** O scenario deve trabalhar, ou ser trabalhado, caminhando da causa para o effeito, e então parar. Elle deve construir, pouco a pouco, um "climax" dramatico, e terminar quando é chegado o "climax" dessa historia. Todas as coisas necessarias para completar o "que" de realidade nas scenas, precisam ser incluidas nestas, e tudo que pareça desnecessario para o desenvolver da historia, deve ser evitado ou eliminado. Lutas, combates, etc., não se inclua um minimo "shot", só porque se trata de uma ideia brilhante, dramatica ou comica. Só as scenas necessarias é que devem ser incluidas.

Todos os Amadores precisam lembrar-se do seguinte: é que o cinematographista está tentando contar uma historia em **imagens** e não em **palavras.** E' este termo que é preciso visar, embora nunca se alcance muito exactamente; visando fazer um Film sem titulos, isto é, olhando tão alto, o Amador terá opportunidades de fazer Films sem uma super- abundancia muito grande de titulos.

O Amador precisa ter a certeza, antes de tudo, de possuir um thema importante, dentro da sua historia, e suster-se a elle. Muitos scenarios podem ser resumidos em poucas palavras, como exemplificamos a seguir: 1.°) a luta de uma mulher pelo amor verdadeiro; 2.°) a devoção de um cachorrinho pelo seu dono; 3.°) as consequencias exhaustivas da vida moderna; 4.°) a loucura representada pela ambição ou pelo lucro excessivos; 5.°) a luta contra o Destino, e assim por diante.

A's vezes, ou mais exactamente, quasi sempre, um pequeno recorte de jornal contém uma synopse completa para um drama humano e inteiramente digno de successo. Mais frequentemente, porém, esse recorte poderá suggerir uma situação parallela ou uma sequencia de circumstancias, as quaes dariam um bom drama, desde que os detalhes dramaticos principaes tivessem sido construidos á roda do thema basico.

Existe toda uma fórma de litteratura, a qual póde ser encontrada até nas nossas mais modestas livrarias, sobre o ramo dramatico, novellas, enredos, etc. E existe tambem uma secção dessa litteratura especialmente devotada á construcção do scenario. Decida o Amador, ou não, fazer uma experiencia na arte do "scenario"; em seu proprio proveito, precisaria primeiro elle lêr qualquer coisa sobre esse assumpto, a não ser que fosse apenas para obter algumas informações geraes.

Voltando ao caso dos dramas feitos sobre "scenarios" já preparados, e ao caso da producção de Films de Amadores, resta pouco a ser dito, salvo algumas palavras sobre a titulagem e a edição.

Na redacção de um jornal ou de uma revista, ha sempre uma duzia ou mais de pessoas que procuram ter á mão uma grande quantidade de material inédito para ser usado na proxima edição do jornal, o qual precisa, no emtanto, possuir uma forma mais ou menos coherente e harmoniosa. Se cada coisa que o pessoal de uma redacção escreve para um jornal noticioso, sahisse da machina de escrever, directamente para a composição, o resultado seria um jornal noticioso máu em principio, e desagradavel a qualquer um dos seus leitores.

Na direcção de um jornal noticioso, existe sempre, porém, um director. Elle harmonisa e pesa primeiro as diversas contribuições de uma redacção, e decide quaes as que devem ser impressas, ou em que logares de uma determinada pagina devem ser collocadas. O director precisa vigiar sempre esse serviço, para que a emphase necessaria a cada uma das noticias publicadas seja dada aos detalhes justos e precisos. O director elimina, principalmente, os factos desnecessarios e as emoções demasiado violentas. Se uma noticia é sufficiente para um espaço de alguns centimetros apenas, e foi escripta, ao contrario, para encher uma ou mais columnas, o director precisa empregar o chamado **lapis azul.**

Finalmente, o director, atravez a rotina de uma redacção, indica como as diversas noticias ou os diversos artigos devem ser apresentados ao leitor, com titulos e cabeçalhos apropriados.

E assim, emquanto cada noticia resume o trabalho individual de um unico jornalista, o jornal, no seu todo, decorre do esforço do chefe da redacção, ou por outra do director.

Existe um proceder parecido, e um factor similar na producção do Film cinematographico. Esse factor, porém, não é o que se chama o director do Film, mas sim o seu **editor.** E não nos custará muito explicar aos nossos Amadores quaes as suas verdadeiras funcções.

Falando rapidamente, elle recebe os "shots", separados, das mãos dos operadores, e projecta-os. Elimina ou "corta" todo Film desnecessario, todo Film mau, toda metragem demasiada para um mesmo "shot", todo Film estragado no laboratorio de revelações. Desde que o Director lhe dê, com o auxilio do operador, material bastante para completar uma historia, dentro daquella cadeia unida de "shots", o editor fica com esse dever, ou melhor, com essa obrigação: a de collocar todo esse material na sua devida ordem.

Alguns dias depois, o editor provê para que os titulos e as inserções sejam photographados. O seu ultimo trabalho resume-se em reunir toda a historia dentro da forma de um Cine-drama, incluindo dentro das scenas apropriadas as inserções e os titulos. Cortando-se então o Film em suas diversas partes, está elle prompto para a exhibição especial. Assistem-n'a o Director, o operador, o productor, o electricista, e chefe do almoxarifado, e o editor. A distribuição não deve comparecer a esta exhibição.

Se o Film concluido não é satisfactorio, se alguns dos "shots" necessarios sahiram mal feitos, ou foram esquecidos na Filmagem, o Director e os interpretes do Film devem reunir-se, tomar nota dos erros, e re-filmar as scenas más ou simplesmente esquecidas durante a Filmagem.

Ha, porém, uma pergunta obvia que o Amador nos pode fazer desde já: "por que não fazer esse serviço, a refilmagem, antes de se iniciar a edição?" A resposta é simples e clara: "durante a operação do corte, o editor precisa guardar todo Film e todo trabalho mau, e chamar para elle a attenção do Director. Em relação constante com todo o Film, o editor póde decidir se um erro ou um defeito exige uma refilmagem, com perda consequente de pellicula, de tempo, etc., ou não.

E assim como o editor é a ultima pessoa que trata da producção de um Film cinematographico, é o editor a individualidade, dentro de um studio, do qual o Film sahe já prompto para a projecção.

O Amador sentirá um prazer todo especial, um verdadeiro deleite, quando elle apreciar na tela, como que vivendo de facto, os seus actores-amadores, as suas actrizes, amiguinhas da familia, logares que lembram recordações agradaveis á alma humana. E' um verdadeiro extase, o Cinema de Amadores, é um sonho dentro da realidade.

E se temos esse conto de fadas dentro do nosso proprio Lar, imagine-se o que não poderiamos ter em Hollywood!...

— Que é um cometa?
— Uma estrella com uma cauda.
— Dê um exemplo — !
— Rin-tin-tin... — !!

polgou o espirito e basta agora chamal-a quasi imperceptivelmente, para que volte á viver no "screen" de minha phantasia o seu encantador papel do Film-arminho que Brow dirigiu.

E' Karen Morley. Um sonho que a gente ainda não tinha sonhado. E que sonho delicado! Karen, a melodia harmoniosa, a saudade, a lagrima...

Karen Morley. E' um nome exquisito, mas gosto delle como tambem gosto de sua dona. A primeira vez que vi seu rostinho oval de linhas raphaelescas, foi num magazine americano. Era um retrato original de Karen Morley e a legenda apresentava-a como uma nova descoberta da Metro, uma das mais "cotadas" no "lot" das promessas de 1931: Lilian Bond, Astrid Allwynn, Joan Marsh, Marjorie King e outras. Tinha personalidade e tinha "something"...

Era bem verdade. Tinha "something" e perigosa! Achei-a uma pequena curiosa, original e adoravelmente captivante. Tinha uma seducção picante e casta ao mesmo tempo. Apesar do estylo moderno e elegante da photographia, Karen dava a exquisita impressão de possuir o feitiço, o encanto sylvestre das aguas paradas...

Hoje que a conheço melhor atravez de seus Films, posso dizer que Karen Morley é isto mesmo: agua parada na decoração pinturesca a harmoniosa de George Fitzmaurice.

Karen parece uma creaturinha muito simples para se definir. No emtanto muito me custa isto. Em seu encanto singelo e sua apparente simplicidade ella é muitissimo complexa. Uma florsinha exquisita de perfume bizarro. Com uns olhos muito tristes, olhos de desillusão, olhos de quem soffre e chora. Apesar de saber que Karen é uma collegial descoberta por Benny Thau para trabalhar em "Inspiração", uma pequena de Iowa, uma garota moderna procurando realizar um grande ideal, a impressão de que deve ter vivido um romance infeliz na vida real e que foi na arte procurar o esquecimento para sua amargura interior, esta impressão persiste. Talvez por causa de seu papel de estréa no Cinema, talvez por causa da melancholia de seu rosto. Mas é por isto que acho Karen uma das mais lindas personificações da lagrima, e uma garota por quem a gente sente uma estima e uma sympathia espontanea

Mais tarde vi "Inspiração", onde a gelida attracção de Greta Garbo tudo absorvia como um "iman" poderosissimo. Não me esqueci, porém, de minha sympathica preferida. Apreciei-a na pelle de Liane la Tour, a pequena corista de Delval, uma ingenua parisiense, flor das estufas artisticas de Montmartre. Apreciei-a muito, mesmo. Foi tão despretencioso e simples este seu papel ao lado da exotica sueca! Mas durante toda a carreira de Karen, ha de permanecer na lembrança da gente aquella pequena infeliz que tão tragico fim teve, por ter perdido o amor que era toda sua vida. Aquella despedida entre ella e Lewis Stone, profundamente delicada, levemente perfumada de espiritualidade, é uma das sce-

KA

Já li, não sei aonde, uma comparação entre o Cinema e uma dessas caixas magicas, de maravilhosas surpresas, dos contos orientaes das Mil e Uma Noites. Gosto da comparação. O Cinema é mesmo um relicario valioso de cousas preciosas e fascinantes colhidas na vida e no mundo, apresentadas após, num conjuncto harmonioso: na forma de Films. Eu por mim comparo os Films á um espelho que reflecte a vida. Estilizam e harmonisam ás vezes o que reflectem, mas em outras apresentam tudo numa forma bem veridica e crúa. Dentro, porém, dos limites da photogenia. E quantos desses aspectos da vida, com os seus personagens, não ficam gravados em nossa memoria! Basta mais tarde um simples chamado para que as figuras vistas projectem-se na tela de nossa imaginação — focadas pela camera da recordação — á reproduzirem os episodios da vida que "viveram" nos Films. E alguns desses personagens em episodios mais inesqueciveis para mim: "Deshonrada". Vienna de 1914. Valsas de saudade e seducção... Marlene Dietrich desilludida, sensual e fascinantemente musical. "X - 27", espiã mysteriosa, cansada da vida, provocando o Mc Laglen e a morte...

"Trader Horn". Ao som de batuques africanos, surge-nos Edwina Booth, garça loura em pelles de simio, "deusa branca" irradiando um "it" que só as selvas de Africa conhecem, enfeitiçando o Duncan Renaldo e apaixonando o Harry Carey...

"Sob os mares". Um tango faz-se ouvir num "cabaret" das Canarias. Mona Maris, cantando e agitando o seu corpo cheio de rythmo, numa dansa sensual de requebros languidos e maneios sentimentaes fascina o Gaylord Pendlenton com sua seducção e as "lagrimas de amor"...

"Inspiração". O poema-harmonia mais melodioso, subtil e embriagante dos "talkies". A alma de Clarence Brown materialisada em um Film, com o arrebatamento de Greta Garbo vivendo uma Sapho seculo XX — Ivonne Valbret, a sereia parisiense que num baile de Montmartre apoderou-se do coração ingenuo de André Montel...

Este Film deixou muita cousa para a recordação. Garbo, a divina, e os predicados directoriaes, são as principaes. Mas "Inspiração" deixou tambem outra figurinha para nos occupar o pensamento, numa sequencia bonita. Outra imagem delicada e suave que me em-

KAREN...

nas mais bonitas, humanas e emotivas das que tenho visto na tela. E o seu suicidio após! Mas Karen resuscitou no coração de muitos "fans" e para não desapparecer mais, ou ser esquecida.

Desde então até hoje, Karen Morley é uma pequena que não canso de admirar. Ha certas cousas que fazem um bem sem igual tanto para os olhos quanto para o espirito. Karen Morley é assim! Ella sabe ser insinuante, sabe ser adoravel, "and how"!

No seu Film de estréa achei-a pouco bonita e feia até. Mas o que mais me encantou foi aquella sua sympathia, aquella sua personalidade tão evidente e interessante. E o seu sorriso? E' alguma cousa que enleva. Embora triste, é franco, amigo e vae ao coração como um perfume de suavidade e esperança. Achei-a pois, e até hoje acho uma creaturinha admiravel. Não que tenha paixão por ella. Seria tolice. Admiro-a como uma artista nova e curiosa, como uma figura sublime communicativa e cheia de mocidade de mulher. Eis tudo.

Acho que Karen Morley é como certas musicas que a gente ouve em momentos de desanimo e nos anima, nos vivifica a alma e os sentidos. Karen captiva-nos com sua figura encantadora, embriaga-nos com sua voz e insufla-nos nova vontade de viver. E' o Waterloo do "spleen" e do desalento. Fala-nos em amisade, esperança e consolo. E no entanto — curioso contraste — seus olhos parecem feitos de lagrimas de saudade, seu sorriso é cheio de melancholia e sua voz é grave e maguada. Seu corpo sim, é cheio de vida e de linhas sensuaes. Seus labios são lindissimos, delicados e as vezes tremulos de amor...

Karen é a quintessencia de distincção e delicadeza. Dá a impressão de ser da mais alta e refinada sociedade, e creio que deve ser mesmo. Tem uma finura de maneiras admiravel, aristocrata e é bem o que nós chamamos aqui, uma creatura "alinhada". Suas attitudes são mais harmoniosas do que seu rostinho delicioso. São languidas, num suave abandono e numa elegancia unica. Seus movimentos são espontaneos mas serenos, ondulantes, parecendo até um giro macio da camera de um bom operador. Sua seducção é serena tambem, mas forte e com algo de cigano... O que de sensual ha nella é desmaiado e bonito. Karen prende e captiva. "Dracula?" Não! Nem Svengali tão pouco. Ella attrãe mas não martyrisa — suavisa e delicia, isto sim.

Pela harmonia de seu rostinho de linhas puras Karen parece uma melodia viva, uma creatura musical, mesmo sem ter parentesco com a "X-27", do Sternberg. Imagino-a um "cocktail" de musicas bonitas, bem preparado como o do Paul Whiteman. Seus olhos possuem a saudade triste de um "Sonho de Valsa", de Strauss. Seus labios a primavera maguada de um "lied" de Schubert. A calidez apaixonada da "Serenata" de Toselli, está nas linhas esguias de seu corpo. E sua imagem tem o exotismo de uma "Sonata" de Beethoven, e o romance de um "Nocturno" de Chopin...

Karen Morley pode evocar todas as phantasias imaginaveis ou não, mas ella é antes que tudo — e nisto principalmente está o seu valor — uma imagem da propria vida.

No Cinema parece um producto da direcção carinhosa de Charles Brabin, dentro do estylo esthetico de Fitzmaurice, photographada por Clide de Vianna... Edição primaveril de Florence Vidor lembrando Barbara La Mar. Mas é differente, subtileza de Barbara Stanwyck na serenidade triste de Lilian Gish. Elegancia de Gloria Swanson com a meiguice irresistivel de Eleanor Boardman. Mas é "differente"... E daquellas "differenças" que não se confundem. E' nova, completamente nova. Uma edição verdadeiramente inedita!

Se não fosse ousadia diria ainda que: se Karen Morley não é, ainda virá a ser uma especie de John Gilbert de saias... Ella é extraordinariamente versatil e convincente em sua arte. Tem uma personalidade esplendida. O seu rostinho adoravel, um amor nos "close-ups" bem ou mal cuidados, em geral diz pureza e distincção. Mas num papel de Lubitsch, é logico que teriamos Karen reduzindo Marie Prevost á innocencia, em materia de malicia. Sob Griffith já seria o maior poema de lyrismo e delicadeza, o "lyrio partido" de 1932. Cecil de Mille manteria sua distincção irreprehensivel, quasi heraldica, e dar-lhe ia ainda exotismo. Harry Beaumont a tornaria uma Sandy, como Howard Hawks vae tornal-a uma Jean Harlow em "Scarface".

Tudo isto são formas que Karen poderia tomar nos Films, devido a sua personalidade. A causa da realisação seria o grande talento e a pericia dos directores, é verdade. Mas tambem a personalidade e o typo precioso de Karen, uma esplendida "tinta", seriam predicados para ajudar.

Tudo phantasias e sonhos. No Cinema ella ainda é uma principiante e o que disse acima, não passam de promessas de sua linda figura. Pode ser que se realizem e faço votos que sim! Por emquanto Karen appareceu numa peça theatral em Los Angeles e foi figurante nos Films: "Beijos a esmo" e "Daybreak". Do seu 1.º ao 2.º e 3. papeis importantes vae de uma transformação caracteristicamente de lyrio passando para uma taça de "champagne" como numa fusão "lubitscheana". Em "Inspiração" ella foi uma especie de "lyrio partido",

(Termina no fim do numero)

CORAÇÕES partidos de

Apesar de parecer um sentimentalismo que Hollywood não tenha, eu acho que em Hollywood existe *realmente* muito coração partido. Pode-se rir uma pessoa, caçoar do que queira. Mas Hollywood tem gente que soffre muito, dentro della e gente que mal tem forças para occultar o seu soffrimento, eis a verdade...

Atravéz das palavras pouco sinceras de Lupe Velez, dizendo que Gary era o habito que ella já adquirira, diariamente, de ver. Mas que não o amava e nem se queria casar com elle... Atravéz essas palavras, não haverá um sentido profundamente dolorido e maguado nessas declarações?... Dizem que Lupe está mudada. "Tolice!". Responde ella. Ha dias eu vi Lupe Velez no Cocoanut Grove, accupando a mesma mesa que ella costumava occupar juntamente com Gary. O companheiro que ella ao seu lado exhibia, era um companheiro occasional qualquer. Ella olhava, séria, os pares que dansavam. Lupe perdeu toda a sua vivacidade. Não é mais irrequieta e revolucionaria como era. Alguma cousa passou-se no espirito da mexicana ardente, quer ella queira, quer não queira... Não é sentimentalismo, mas o "coração partido" de Lupe Velez só não vê quem não queira...

Dizem, de outro lado, que Gary tem sido igualmente infeliz, do seu canto. Apesar da insinuante Tallulah. Apesar dos falatorios de jornaes em torno do seu nome. Apesar de tudo isso elle chamou, pelo telephone, de New York, a sua "amiguinha" Lupe para uma "prosa". E por que seria que Lupe, depois

Nancy Carroll casou-se com Bolton Mallory tres semanas depois do seu divorcio de Jack Kirkland.

Coração partido, na maioria dos casos, tem sido motivo para piadas ou versos de musicas sentimentaes. Mas os que delle soffreram, sabem o que elle significa... Em Hollywood, o coração partido é commum. Somos dos que acreditam, piamente, que Hollywood tenha partido todos os corações dos que nella vivem...

Hollywood... Onde Nancy Carroll casa-se com Bolton Mallory tres semanas depois do seu divorcio de Jack Kirkland... Onde Constance Bennett e o *Marquis* de la Falaise são dados como "noivos", seis mezes *antes* delle se divorciar de Gloria Swanson... Onde Lupe Velez é dada como "apaixonada" por John Gilbert, quando apenas termina o seu romance com Gary Cooper... E onde Gary Cooper mostra-se ardente e apaixonado por Tallulah Bankhead, *antes* de Lupe ter pensado em John Gilbert...

Hollywood... Onde os casamentos e os romances de amor, os *casos* de amor, tambem, são corações partidos e nada mais...

— Ora, "corações partidos de Hollywood"!...

Exclama o cynico.

— Esse *animal* não existe!

Termina, ainda mais cynico. E cita casos onde o "coração partido" é uma piada e dizem, declaradamente, que nelle não crêm.

— Muito menos em Hollywood!

Concluem. Depois vêm outros casos. Billie Dove já tida como esposa de Howard Hughes, termina o seu romance com elle. E elle já é visto em companhia de outras pequenas... O nome de June Collyer constantemente envolvido ao de Russell Gleason. E ella se casa com Stuart Erwin... John Gilbert apaixonado por uma "princeza do Hawaii", viaja para a Europa com Marjorie King e, de volta de New York para Hollywood, vem de braço dado e muito intimo de Lupe Velez... Dorothy Mackaill apaixonada por Walter Byron, casa-se com Neil Miller...

Onde o coração partido?...

Dorothy Lee...

da telephonada, chorou mais de uma hora, a ponto de retardar toda a Filmagem de um dia de *The Cuban Love Song*, que ella estava interpretando, ao lado de Lawrence Tibbett ?...

Gloria Swanson é uma grande *estrella*. Constance Bennett tambem o é. Gloria é uma rainha e uma mulher de raros attractivos. Constance tambem o é. E ambas se detestam ! Por que ?...

Se Gloria realmente não fizesse caso de Constan-

HOLLYWOOD

ce e do *Marquis*, como ella diz, por que ella ri tão forçadamente e dansa com tanto espalhafato quando vae ao Mayfair ?... Por que não liga ?... Uma noite a viram com um rapaz insinuante dansando no Cocoanut. Parecia apaixonada por elle Mas jamais o viram em sua companhia. O que fazia com que ella assim procedesse ?... A presença de Constance e do *Marquis* no mesmo *dancing*, com certeza...

Loretta Young annunciou aos jornaes que não amava mais Grant Withers. Logo depois instaurou processo de divorcio para "livrar-se" de Grant. Grant, por sua vez, foi muito visto em companhia de Betty Compson. Tudo iria bem se não fosse Betty a companheira de Grant. Ella é despachada e fala sem rebuços sobre aquillo que nota.

— Pobre Grant !

Disse ella.

— Elle ama Loretta, hoje, varias vezes mais do que antes de se casarem. Elle vinha á minha casa e só me falava della. Quando dansavamos, em qualquer *dancing*, elle não fazia outro cousa que não fosse procurar Loretta nos braços de outro. Assim que a notava, elle se voltava para mim e. então, tinha eu que aturar alguns momentos divertidos de amor apaixonado... Depois que ella sahia, elle se sentava ao meu lado e só falava nella, no quanto era bonita e no quanto elle "não a queria mais"...

Clara Bow foi um coração repartido. Hoje está quebrado...

Billie Dove é um coração partido...

della, porque não se pode esquecer della, porque della não se poderá esquecer, nunca mais...

Dorothy Lee não occulta que se casou para occultar melhor a chaga que outro homem lhe deixára aberta, no coração. Isto tudo quer dizer que "corações partidos" não existem, em Hollywood...

Dizem que houve um homem que morreu porque soube que Greta Garbo não o amava mais. Dizem, tambem, que outro se casou só para mostrar que ella significava muito pouco na sua vida... E tambem dizem que este ultimo, que se casou, já se divorciou, já tem feito maluquices de todos os tamanhos, já tem sido impossivel de se aturar, apenas porque não se esquece

Lupe Velez partiu uma porção de corações

— Eu amava Fred Waring. Quando comprehendi que elle já não me queria, voltei e acceitei a proposta de amor que me fazia outro que me amava. Acceitei. Mas não menti. Contei tudo o que havia e o quanto eu amava Fred. Elle concordou. Um dia Fred voltou... Eu esqueci que tinha no dedo uma alliança... Depois eu me divorciei porque já estava cançada de fingir...

Nancy Carroll casou-se repentinamente demais com Bolton Mallory. O seu casamento com Jack Kirkland mal havia redundado em divorcio quando isto se deu. Mas o que Jack tem feito e o que lhe tem acontecido, depois do casamento de Nancy, é uma serie de cousas que causam pena e dão tristeza a qualquer pessoa, por menos sensivel que seja...

Billie Dove é um dos "corações partidos" de historia mais triste, em Hollywood. Infeliz ao extremo com o primeiro casamento, Billie apaixonou-se se-

(Termina no fim do numero).

Mitzi Green

Toda a historia de Jean Harlow

(Continuação)

uma casa proxima a de Jean, em Belford Drive (duas casas acima da de Clara Bow).

Durante um anno e meio, Jean e Mc Grew mantiveram a impressão de

felicidade que dava aquelle casamento. Nos raros momentos de juizo, quando não estavam de Agua Caliente para Arrow Head, numa procura maluca de "cabarets" e mais "cabarets" para se "divertirem", sentiam que andavam mal e que aquillo acabaria em nada. Mas ainda assim lutavam para sustentar a antiga nota jovial que sempre fôra a defesa daquella união de dois moços apaixonados.

Jean começou a volver olhos curiosos para o Cinema. Começou a encontrar, em festas, varias "estrellas" importantes de Hollywood e, tambem, com pequenas que começavam a ter pequenos papeis com a Fox. Um dia passeava ella com uma dessas pequenas e ella lhe pediu que a levasse ao Studio da Fox, para tomar medidas de um vestido que devia usar no dia seguinte, numa scena. Mais por curiosidade do que por outro qualquer motivo, Jean acompanhou-a ao Studio. Joe Egli, do departamento de elencos, viu-as atravessando uma rua e foi falar com ellas. Acabou perguntando a Jean se se interessava por Cinema. Jean respondeu que nem por sombra lhe passára essa idéa pela cabeça, mas Egli insistiu em apresental-a a Dave Allen, do departamento central de elencos. Jean acceitou. Andava a procura de alguma emoção que lhe tocasse os nervos e essa parecia-lhe realmente divertida.

Naquella noite mesmo, quando jogavam "bridge" ella, Chuck e outros amigos e relatava ella o facto aos que ali se achavam e, entre elles estando um director de Films, disse este, quando ouviu chegar a historia do Dave Allen a baila:

— Aposto 250 dollars como você não tem coragem de "enfrentar" Dave Allen!

E a aposta ficou de pé.

No dia seguinte, em companhia de sua mãe, Jean foi ao Studio, rindo, satisfeita, para ganhar aquelles 250 dollars da aposta...

— Que nome darei?

Perguntou ella a mãe e concluiu:

— Naturalmente não irei dar o meu verdadeiro nome a elles...

Pensaram em nomes, appellidos de familia e em varias cousas.

Afinal Mrs. Carpentier achou um.

— Você é Harlean... Faça-o Harlow e... Sim! Dê este nome: — Jean Harlow! Que tal.

E foi assim que, por uma aposta e uma brincadeira, transformou-se Harlean Carpentier em Jean Harlow...

Dave Allen tomou-a em consideração. Dahi para deante, ganhos os 250 dollares, Jean começou a receber telephonadas e mais telephonadas, em casa, para pequenos papeis. Mas ella jamais respondia aos mesmos. Uma noite, estando presente o mesmo director que perdera a aposta, recebeu ella nova telephonada do departamento Central de elencos, marcando-lhe um apontamento para o dia seguinte, ás 7 e meia da manhã. Ella ia dizer que não e desligar, quando o director lhe disse:

— E por que não vae? E' uma novidade, uma sensação e um divertimento para um dia. Acceite!

Ella achou que era razoavel e acceitou. Além disso já estava realmente cansada de tanta falta do que fazer...

O Film era dirigido por Alfred E. Green e Lois Moran era a "estrella". Isto é: — a principal figura. (A Fox não tem "estrella"). Jean não só trabalhou nesse dia, como foi pela noite toda, o que lhe valeu vinte dollars que ella achou engraçadissimos, quando os recebeu.

Ella admirou Lois Moran. Observou-a bem. Mas a scena era um baile e ella dansou até lhe doerem as solas dos pés.

O seu seguinte papel de "extra", foi num Film de Richard Dix. O seu papel ficou na sala de corte, é certo, mas Bobby Scott, da Hal Roach, viu esse "rush" e marcou-a. Offereceu-lhe logo um papel secundario, mais do que de "extra", a razão de 10 dollars por dia, num Film de experiencia, com Bryant Washburn e Edna Murphy nos principaes papeis e em dois actos. Depois disso fez ella um Film como "leading lady" a razão de 12.50 por dia, na Hal Roach, ainda, como heroina de Ed Kennedy. Hal Roach agradou-se tanto da sua figura que lhe offereceu um contracto de cinco annos a razão de 150 dollars semanaes. Augmentos de seis em seis mezes e opções annuaes. Isto se deu em 1929.

Ninguem, nem mesmo Chuck e sua mãe, levaram a carreira Cinematographica de Jean a sério. Para Chuck não passava de uma amollação. Era alguma cousa que tomava os dias da esposa e não a deixava ao seu lado, para as pandegas, passeios e divertimentos. Mas o trabalho, para Jean, ia sendo alguma cousa muito importante, muito agradavel. Ella ahi é que começou a comprehender a inutilidade do marido e a achar que aquella situação não podia durar muito mais.

Quando completaram exactamente um anno e meio de casamento, desligaram-se. Foi uma separação amigavel e sem rusgas. Cada qual para o seu lado e nada mais.

Mc Grew deu-lhe como garantia um seguro em seu favor de 200.000 dollars e seu avô serviu de fiador. Como elle não quizesse dar o divorcio, ella lhe propoz não lhe dar um só dollar, mas dar-lhe a absoluta liberdade. Mc Grew acceitou. E foi assim que ella se livrou definitivamente do marido.

(Termina no fim do numero)

O ninguem. Ninguem o poderá accusar de ser convencido. Elle jamais procura apontar-se como responsavel pelo successo de

HOMEM do

qualquer cousa. A sua entrada para o Cinema foi accidental.

— Eu pertencia a uma organização de *vaudeville* chamada *Os Ratos Brancos.* Isto foi ha annos, naturalmente... Naquella epoca, os artistas de *vaudevilles* estavam sendo suffocados pelos *trusts* e *Os Ratos Brancos* cahiram. Eu não quiz cahir. Deixei *Os Ratos Brancos* e fui para o Winter Garden. Lá, por acaso, eu me avistei com Joseph Schenck. "Já tomou parte em algum Film, Buster ?". Perguntou-me elle. "Não". Respondi. Estamos fazendo, na Cidade, um Film comico com Roscoe Arbuckle. Vá ao Studio que eu lhe darei um pequeno papel. Foi assim que entrei para o Cinema. Apenas assim.

Como todos sabem, virtualmente falando, Buster nasceu num theatro. E' logico que só o facto de nascer num theatro não justifica a pessoa continuar artista. Nem todos os fazendeiros são fazendeiros por terem nascido em fazendas. Talvez tenham sido até engraxates, antes de subir a fazendeiros... Mas seus paes tinham um acto comico, nos theatros e elle, quando cresceu, tambem fez parte do grupo.

A escola em que estava, diga-se, não era das mais faceis. Ali tudo era arduo, trabalhoso e exhaustivo. Os pulos, saltos e tombos eram estudados e ensaiados com grande canceira para os artistas e, de uma feita, seu pae arrumou-lhe um ponta-pé que, pegando-o desprevenido, attingiu-o de máo geito e, atirando-o longe, pol-o desaccordado por oito horas... E, além de tudo isso, as travessias pelo paiz todo em *tournées* que eram pouco mais do que mal remuneradas. Soffrimentos por todos os lados e recompensa muito relativa para o sacrificio todo... Os collegas, além disso, nem todos bons. Alguns bem máos e trahidores, mesmo. Uma inveja em cada bastidor e, depois, intrigas que traziam ainda mais amargo o pão de cada dia aos labios...

Uma vida assim é que teria tornado Buster Keaton um comediante ? Não foi propriamente essa vida, mas não ha duvida que ella lhe ensinou muita cousa... Uma cousa, principalmente, elle aprendeu nesses dias: — por mais ardua e difficil que seja a luta, rutilante e delicioso deve ser o successo. E, com isso, comprehendeu e adoptou elle a grande, a immensa força de vontade que tem sido o seu maior e mais imperfuravel escudo.

Elle não tem um senso humoristico em relação á vida. Bem ao contrario. Elle desde pequeno que aprendeu a ganhar a vida e esse pão foi o mais duro e o mais difficil de

Fóra do Cinema, Carlito é um artista ainda muito mais sensivel do que nelle. Fóra do Cinema — excepto quando quando estão jogando *bridge* a sério — os irmãos Marxs ainda são mais malucos do que nelle. Fóra da tela, Stan Laurel e Olive Hardy ainda são mais briguentos, El Brendel mais estupido, Charles Butterworth e Roland Young mais exquisitos ainda do que na tela mesmo.

Fóra da tela, Buster Keaton é normal.

Buster é um individuo normal que subiu sem querer, do lar á fama, usando as mesmas calças de regar jardim, aos domingos... Elle sabe disso melhor do que

conseguir... Justamente na epoca em que os outros pequenos se divertem e brincam, Buster Keaton ensaiava numeros de acrobacia e quando os terminava, a sua maior vontade era deitar e descansar. Nada mais pediam seus nervos exhaustos.

Hoje, pessoalmente elle é um admiravel homem e um dos mais sinceros que conheço. A si proprio elle conhece profundamente. Ha dias, quando voltava, em companhia delle, de uma cabine de projecção, no Studio, onde foramos assistir á exhibição privada de um Film seu, disse-me elle, certo de que falava a verdade.

— E' um Film bem fraco. Não tem graça alguma e não merece dar um tostão de lucro!

E pouco se lhe dava quem ouvisse o que elle dizia. Quantos *astros*, em Hollywood, concordam que seus Films sejam fracos?...

Dos Films que elle fez, um dos que mais aprecia é *Ordinario, Marche!*, principalmente por ter certos *gags* que elle sempre quiz pôr em Films. Aliás é elle que imagina a maior parte das piadas dos seus proprios Films e o faz com intenso carinho. Humorista como é, a tarefa não lhe é difficil, mas, de toda forma, é mais um trabalho para elle, que é incansavel e trabalha com todo enthusiasmo e vigor dos seus nervos.

Na intimidade do seu lar, elle é o marido da mais feliz das esposas de Hollywood: — Nathalie Talmadge e pae de dois Keatons que são ad-

Lar

Buster Keaton, sua esposa Nathalie Talmadge e seus filhos

Buster Keaton é realmente um homem sério... e nunca foi louco em abandonar o lar...

miraveis de intelligencia e educação. Este homm, este marido amantissimo, este cantor de baladas tristes, jogador amador de *golf*, apreciador e torcedor de *baseball* é este o homem que o mundo todo quer como um dos maiores entre os seus comediantes.

Na vida intima, elle é um dos mais divertidos entre todos que vivem em Hollywood. Fóra da tela, elle é o mesmo humorista que é nos Films.

Ha dias, Darryl Zanuck, chefe de scenarios da Warner Bros., visitou-o. Disse-lhe, além disso, em conversa, que homem algum seria capaz de atiral-o numa piscina. Buster, que o ouvia e, por circumstancias especiaes exactamente ao lado da piscina da sua casa (aquella que appareceu em *Romeu de pyjama*), nem cogitou de esperar segundo convite. Agarrou-se a Darryl e atirou-se com elle, vestido e tudo, para dentro da piscina...

Na sua vida particular, nunca houve um escandalo. Ninguem o deu como envolvido em qualquer "caso" e nem jornal algum murmurou que elle quizesse se separar de Nathalie, sua esposa. Vive feliz e pacifico, em sua casa, como qualquer cidadão americano dos mais legitimos e dos mais felizes. Tem as mesmas ambições normaes a qualquer homem e não é de ambições desmedidas. Apenas para os filhos é que elle quer os impossiveis. Mas isto é natural. Principalmente natural em um homem tão normal, tão do lar.

A historia toda de Jean Harlow

(Continuação).

Os aborrecimentos, depois da sua separação de Mc Grew, começaram a vir até a ella com violencia. Sua avó protestou energicamente contra o facto della se estar "mettendo em Cinema" Seu avô recusou-ce mandar mais um "cent" que fosse a ambas se ella não deixasse immediatamente "esse negocio de Cinema". Jean foi a Hal Roach, explicou-lhe a situação e ambos, amigavelmente, destruiram o contracto que a prendia áquelle productor.

Sem salario num Studio, apesar de pequeno, com o avô ainda raivoso, ameaçando mesmo desherdal-a, com sua mãe victima de máus negocios e sem dinheiro para a soccorrer, igualmente, Jean Harlow viu-se, pela primeira vez na vida, sem um vintem e sem saber onde conseguir o seu sustento.

Uma semana depois de Chuck ter partido de volta para Chicago, Jean achou-se dona de uma immensa casa, dois carros, dois criados, seis anneis de brilhantes, quatro braceletes e varios brincos valiosissimos. 3.000 dollars em duvidas e 11 dollars em caixa.

Escreveu ella ao avô contando-lhe a respeito da sua difficuldade. O velho respondeu-lhe que a ajudaria, sim, mas que voltasse a Kansas City.

O sangue luctador de Jean revolucionou-se. Ella não queria mais voltar para Kansas City. Ella queria ficar em Hollywood e queria trabalhar em Cinema. Ella se interessou profundamente pelo mesmo e adquiriu a certeza de encer dentro dos mesmos.

Os ultimos onze dollars, gastou-os ella nos preparativos de uma festa que estava offerecendo e já não havia geito de adiar. Vestiu-se a capricho. Queria parecer uma duqueza de Watteau... Ella ia ficar em Hollywood e nos

(Continúa no proximo numero)

Corações partidos de Hollywood

(FIM)

riamente por Howard Hughes. Mas este é tão instavel quanto o augmento de citras no total da sua fortuna e... Lillian Bond e Frances Dee têm sido vistas em sua companhia, ao passo que Billie Dove tem amargado seriamente, nestes ultimos tempos, comendo um paozinho que o diabo amassou...

O divorcio de Lawrence Tibbett de sua esposa, Grace, é um caso de "coração partido" do qual não é absolutamente licito duvidar. E o caso de Ina Claire, tambem. Ella amou John Gilbert. Não ligou ao facto delle vir dos braços quentes de uma mulher perturbadora. Pensou que elle esquecesse. Mas a esquecida foi ella e, hoje, seu coração apenas traz a grande ferida de um casamento que magoou muito e durou tão, pouco...

Corações partidos de Hollywood, sim!...

Está á venda o numero de Dezembro de "Moda e Bordado".

O GRANDE LIVRO

Assim como O TICO-TICO é a unica revista no genero que encerrra todos os requisitos para recrear e educar a criança, o seu Almanaque contém, como não podia deixar de ser, um repositorio vasto dos mais uteis ensinamentos. E' ele o brinde cobiçado por todas as crianças. Este ano essa util publicação vai exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos anos anteriores. As mais belas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, conterá o primoroso ALMANAQUE D'O *TICO-TICO* para 1932, a sair em Dezembro, nas proximidades do Natal.

Cada pagina desse lindo anuario é um beneficio á infancia, pois encerrará proveitos apreciaveis ao espirito dos pequeninos leitores.

RICARDO CORTEZ FALA DE GRETA GARBO, GLORIA, JOAN E OUTRAS

(FIM)

Walter Morosco, depois disso, fel-o apresentar-se a Marshall Neilan que o contractou, logo, para tomar parte num Film de Marguerite Clark, um papel que elle nunca chegou a desempenhar. Isto deu-se no principio da celebre "grippe hespanhola" e esse facto atrazou a producção que, afinal jámais foi feita. Durante esse periodo, Ricardo perdeu seu pae e uma irmã.

O seu primeiro Film de verdade, foi **Filhos do Jazz**, dirigido dor Jerome Storm e tendo Eileen Percy no principal papel. Ella, hoje, é jornalista Cinematographica em Los Angeles, para um jornal...

Trabalhou em **Amor e Morte**, de Cecil B. De Mille, **Tristezas de Satanaz**, de Griffith. Depois esteve em França e figurou num Film, lá. Actualmente acha-se no elenco de **The Thirteenth Chair**.

O facto é este, no emtanto: — Richard Cortez foi o unico homem, em Hollywood, do qual Greta Garbo foi heroina. Não se conta John Gilbert, é logico, porque John Gilbert sempre foi co-estrellado com ella e Ricardo Cortez, não, foi o astro de um Film e a teve como simples coadjuvante. E' uma das suas maiores glorias artisticas, aliás.

KAREN...

(CONTINUAÇÃO)

uma figurinha diaphana e sensivel, um admiravel "retoque" tragico da direcção. Mas já em "Delirio de amor" está differente, num optimo papel. E' Maisie, uma pequena digna e distincta, para mim a melhor do film. Que scenas bonitas viveu ao lado de Leslie Howard! Neste film de Van Dyke, Karen representa a belleza da civilização em contraste com o sensualismo desenfreado e tropical de Conchita Montenegro. Karen está estupenda e todas as vezes que sua silhueta — um milhão de vezes sublime — rendilha o poente sinematographico é para encantar. Sua transformação aqui está no "meio termo" e ella já revela uma belleza nova, um "it" e um "sex appeal" que fascinam...

(Termina no proximo numero)

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — Estrangeiro: 1 anno, 78$000; 6 mezes, 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood, GILBERTO SOUTO.

Os amores de Clark Gable

(FIM)

que me seduziam apenas pelo physico. Conheci os romances baratos dos artistas que ganham pouco. Comprehendi num relance, que para um artista que passava as horas representando, nada mais facil do que representar um pouco mais nas horas vagas, principalmente quando se tivesse uma mulher nos braços... As mulheres que eu conheci, sinceramente, foram as que mais me ensinaram cousas sobre a vida, da philosophia ao realismo.

Tudo isso termina, mais tarde ou mais cedo. Tudo isso, quero dizer, é essa serie de romances inconsequentes de rapazes solteiros. Chega o momento de levar a vida e o amor a serio. Foi aos vinte e cinco annos, justamente, que eu cheguei a esse periodo. Foi então que eu me encontrei, e me casei com a minha primeira esposa, Josephine Dillon. Ella não era de theatro quando eu a encontrei, mas ha um anno ou tanto estivera em uma campanhia theatral. Deu-me ella alguma cousa que até então eu desconhecia: — um amor constante e inspiração. Nossa vida de casados não foi de duração muito longa. Culpo-me inteiramente por isso. Depois de uma separação de alguns annos, minha mulher procurou o divorcio. Affirmam, alguns, que foi a differença das nossas idades que fez isso. Talvez, com isso, queiram dizer que eu era muito creança ou, então, que Josephine era muito velha para mim. Mas eu não creio que a idade tenha qualquer cousa a ver com a duração de qualquer matrimonio. O casamento é uma criação muito mais profunda e enraizada do que isso, apenas.

Depois que voltei a Hollywood, casei-me pela segunda vez. Minha mulher actual tambem já tinha sido casada, como eu. Ella tem tudo quanto eu poderia desejar numa mulher para minha esposa e eu tenho quasi que a certeza de que esse casamento para nós será o ultimo. (Neste caso, a esposa Clark Gable é mais velha do que elle, tambem).

Não creio que eu tenha qualquer cousa a dizer das duas mulheres que me deram o prazer de se casarem commigo. Apenas uma cousa: — ellas são do typo que eu classifico "standard" para o casamento e ideal, para mim.

Acho que é apenas isto que eu tenho a dizer a respeito do assumpto que ha tanto vem preoccupando os reporters que me procuram... Esta, além disso, é a primeira e a ultima vez que eu falo a qualquer reporter sobre este assumpto, para publicação. Considero a mulher uma parte immensa e vital na minha vida, mas jamais a considerei como parte de minha carreira. E creio que me entende...

Ruth Shatterton
Cinearte

A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL